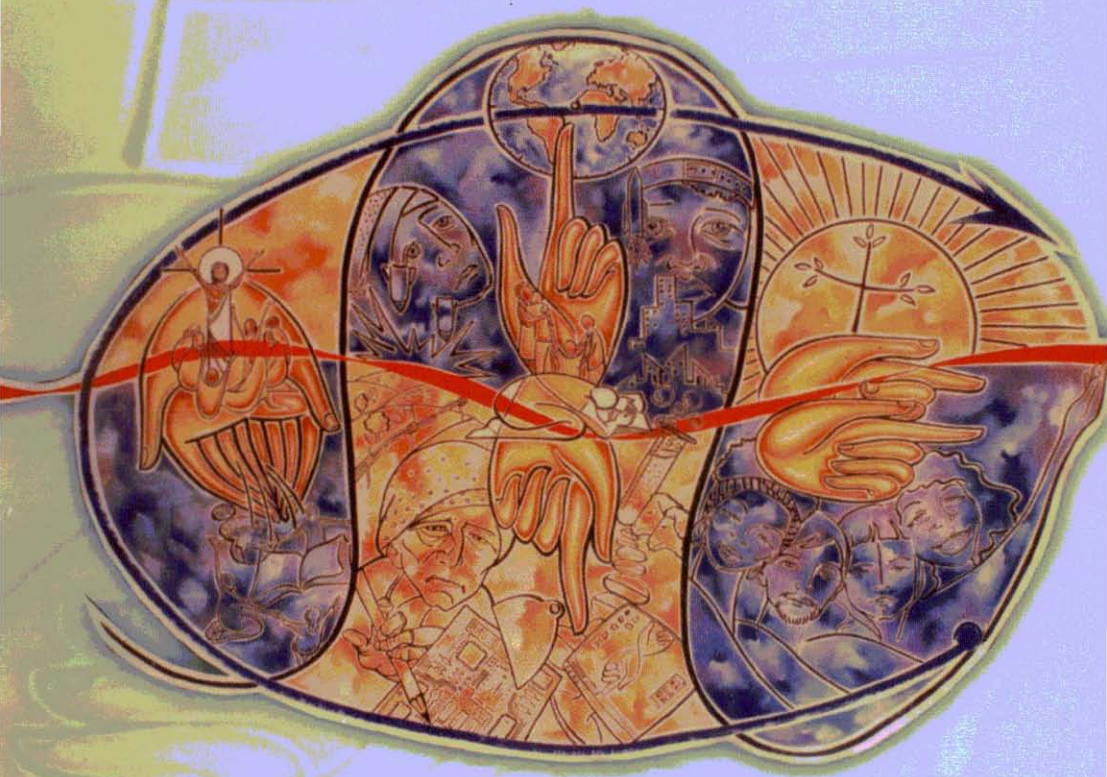


CONVERGÊNCIA



- Espiritualidade e Cidadania na Perspectiva da VR
- Nas Baixadas de Belém
- Refundação Já!
- A Propósito dos Maus Exemplos
- A Importância da Psicologia na Formação



CRB

Sumário

EDITORIAL	321
PALAVRA DO PAPA	325
INFORME CRB	328
ARTIGOS	337
Espiritualidade e Cidadania na Perspectiva da VR	342
EDÊNIO VALLE, SVD	
Nas Baixadas de Belém	353
NICOLA MASI	
Refundação Já!	357
CARLOS PALMÉS, S.J.	
a Propósito dos Maus Exemplos	371
PE. JOSÉ DE ANCHIETA LIMA COSTA, S.J.	
A Importância da Psicologia na Formação	375
IR. ARIETE D'AGOSTINI, MSCS	

A ilustração da capa da Convergência 2002 é uma cópia do painel da XIX Assembléia Geral da CRB (2001), do autor Anderson S. Pereira, MSC. O painel chama atenção para a importância e a atualidade da temática central da Assembléia: Tempo de sinais. Sinais dos tempos.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitorio, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 123/1106

CEP 20040-005 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2507-4258

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

Anual

para 2002

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 85.00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50

Editorial



“O sábado é para o homem” (Mc 2,27)

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

O atual sistema econômico mundializado defende o primado absoluto do capital e do mercado sobre a pessoa humana e sobre qualquer outro interesse de ordem social e cultural. Veicula assim uma concepção de pessoa humana considerada não a partir dos postulados de um autêntico humanismo, mas reduzida à mercadoria. Introjeta nas mentes um conjunto de *crenças e valores*, supostamente objetivos e científicos, mas que, de fato, camuflam interesses de classe e dos países mais ricos com suas corporações.

Nesse processo, é de peculiar importância o papel que joga a mídia, posta ao serviço da comercialização da marca publicitária, da imagem e do capital transnacional. O fascínio que isto exerce sobre as pessoas, sobretudo os jovens e os adolescentes, leva a uma progressiva perda de identidade pessoal e cultural; à massificação e homogeneização dos padrões de comportamento em escala mundial; à alienação e descompromisso com a realidade, ao afã de consumo, exacerbando a competitividade e o individualismo.

Psicólogos, pedagogos e analistas sociais alertam para essas consequên-

cias nefastas do sistema neoliberal globalizado na sociedade atual, e sua incidência na educação das novas gerações. Para eles faz-se imprescindível uma ação conscientizadora-educativa, que una diferentes instâncias e grupos sociais, confessionais ou não, na urgente tarefa de desmascarar os reais interesses que subjazem ao avanço da ideologia neoliberal, inclusive nos países pobres do Terceiro Mundo, e que difundem o *mito* de que a globalização econômica é um fato consumado, sem retorno, contra o qual seria pretensioso e mesmo insano pretender lutar.

Suposta a hegemonia do sistema, comprometer-se nessa tarefa conscientizadora significa assumir uma postura contra-cultural e profética. Supõe alinhar-se, a favor dos expoliados e excluídos do sistema, com todos aqueles e aquelas que acreditam no primado da pessoa sobre qualquer outro tipo de interesses, e que apostam num futuro mais digno para a humanidade. Que, por isso mesmo, sonham com um “outro mundo”, uma “outra globalização”. Um “outro mundo” onde as diferenças sociais, étnicas e culturais, de credo religioso e de gênero sejam respeitadas e a pessoa valorizada e antepos-

ta aos interesses do capital globalizado. Um mundo “humano-cêntrico” e não “mercado-cêntrico”.

Nesta perspectiva, a palavra e as práticas de Jesus têm um sentido paradigmático. Efetivamente, quando os escribas e fariseus acusam a Jesus de transgredir a instituição do descanso sabático curando enfermos no sábado, Jesus lhes responde afirmando a superioridade absoluta da pessoa humana sobre a instituição do sábado: - “O sábado é para o homem e não o homem para o Sábado” (Mc 2,27), - e causando escândalo entre eles com sua maneira de atuar. Num desses episódios, a beneficiada com a graça da *cura ilegal* é uma mulher anônima, mencionada no texto como *a mulher encurvada*, em razão da enfermidade que padecia (Lc 13,16). Tal prática de Jesus e sua palavra opõem-se frontalmente à pretensão da globalização econômica neoliberal de fazer crer que o lucro precede a pessoa e se antepõe a todos os interesses de qualquer outra ordem: ética, social, política, cultural, étnica, ecológica.

Quando a mulher encurvada, curada no sábado pela ação libertadora de Jesus, se ergue e olha o mundo que a rodeia com a cabeça erguida e o olhar amplo, sua figura débil de mulher excluída adquire a força de um símbolo: Nela, uma nova ordem social é anunciada, uma nova forma de relação entre as pessoas e os grupos humanos é prefigurada, uma nova globalização é projetada no horizonte do futuro. A trava que a detinha, o jugo que a oprimia, o peso da ignominia que a excluía rompem-se e o Reino de Deus se faz visibilidade

histórica, na carne histórica de uma mulher desconhecida.

Desatar as traves e o jugo do sistema opressor da pessoa, afirmando com Jesus que *o sábado é para o homem*, constitui um dos grandes desafios para a Vida Religiosa hoje. São muitas e diversificadas as iniciativas de religiosos e religiosas que se vão somando cada vez mais a esse “mutirão” em defesa da pessoa e seus direitos, dos “movimentos globais antiglobalização”. O testemunho de tantos irmãos e irmãs nessa luta é eloquente e fala por si mesmo.

Entre esses testemunhos, CONVERGÊNCIA quer, neste número, dar destaque ao testemunho da Ir. Cleusa Coelho, *mártir da causa indígena*, assassinada brutalmente em abril de 1985, na região de Lábrea (AM), em razão do seu compromisso audaz e profético em defesa do povo Apurinã. Neste ano de 2002, em que a Campanha da Fraternidade versou sobre a questão indígena, tem uma relevância especial fazer memória de Ir. Cleusa e do seu “martírio”. O texto escrito por Ir. Josefina Casagrande, MAR, é um depoimento em que a objetividade dos fatos e a emoção de quem os conheceu de perto se articulam numa narrativa que, ao mesmo tempo em que resgata a memória histórica de episódios recentes da causa indígena no país, constitui um verdadeiro apelo às comunidades religiosas a manter acesa a chama do seu compromisso com os mais explorados e excluídos da nossa sociedade. Efetivamente, como dizia Ir. Cleusa, “Comprometer-se com o índio, o mais pobre, desprezado, explorado é assumir firme a caminhada, confian-

te num futuro certo e que já vai se tornando presente nas pequenas lutas e vitórias...Vale arriscar-se" (abril de 1985).

Edenio Valle, SVD no seu texto "Espiritualidade e cidadania na perspectiva da Vida Religiosa", oferece às comunidades um excelente subsídio para repensar a própria experiência de Deus e a vivência da espiritualidade cristã hoje. Para o autor, esta questão representa um desafio para os que, na América Latina de hoje, assumem o seguimento de Jesus como meta e opção fundamental de sua vida pessoal e comunitária. O texto parte de algumas considerações sobre a cidadania na perspectiva da Vida Religiosa, destacando como as ciências políticas vêm hoje a cidadania. Focaliza os direitos de cidadania como apelo à conversão da Vida Religiosa e aponta os caminhos de uma espiritualidade cidadã.

"Nas baixadas de Belém" – de Nicola Masi – é um testemunho de missão intercongregacional, assumida e desenvolvida no meio dos excluídos, com a coragem de quem procura se identificar com a proposta de Jesus e comprometer-se com os valores do Reino, nas lutas e vicissitudes do cotidiano dos pequenos e excluídos. O texto merece ser lido e rezado nas comunidades, sobretudo nas comunidades inseridas. Para o autor, "a comunidade inserida não entra no meio do povo por motivos ideológicos ou por interesses de partido, mas para reviver em si e, portanto, expressar o Deus do Êxodo (3,7: "eu vi, ouvi, descí")", e o Pai de Jesus de Nazaré".

O artigo de Carlos Palmés, SJ, – "Refundação já!" é um convite à Vida Re-

ligiosa para que passe das palavras à prática. Para o autor, as idéias já estão claras. O necessário agora é agir em coerência com elas. Partindo de algumas considerações sobre o conteúdo do termo refundação, o texto focaliza as três colunas fundamentais que constituem os fundamentos da Vida Religiosa de hoje e de sempre – experiência de Deus, vida comunitária e missão evangelizadora – e enfatiza a sua necessária adaptação à realidade de tempo e espaço onde devem ser vividas. Os dois grandes inimigos da refundação e seus desdobramentos são objeto de uma acurada análise por parte do autor, que conclui o artigo apontando o caminho da autêntica refundação. O texto é claro e muito apto a dirimir dúvidas e ajudar a superar eventuais resistências ao processo de refundação da Vida Religiosa.

P^o. José de Anchieta Lima Costa, SJ, no seu texto – "A propósito dos maus exemplos", – faz uma reflexão serena e oportuna sobre fatos que vêm ocupando espaço na mídia, e gerando perplexidade em muitas pessoas, por se tratar de atos "que não condizem com a posição social nem com o trabalho" daqueles que os praticam. Para o autor, o importante é "ir mais ao fundo da questão, procurando encontrar a raiz dos males que nos afligem em vista de se encontrar possíveis soluções para os problemas". Neste sentido o texto deve provocar uma séria reflexão nas comunidades porque, como diz o autor, "a presença do pecado em nós não nos desautoriza de continuar lutando pelo Reino de Deus e sua Justiça".

O artigo – "A importância da psicologia na formação" – de Ir. Ariete

D'Agostini, MSCS "tenta formular um método de acompanhamento e formação, utilizando-se da teoria rogeriana, para ajudar no processo de discernimento vocacional dos(as) jovens". Tendo em conta a própria experiência, a autora expõe as grandes linhas do método que apresenta. Mostra como a teoria rogeriana pode ser utilizada com proveito no processo formativo, destacando três elementos do método: a atmosfera, o(a) formador(a) e a relação. O texto pode ser um bom subsídio a ser trabalhado e aprofundado nas comunidades, sobretudo nas casas de formação.



Discurso do Santo Padre aos numerosos peregrinos vindos

A roma para a proclamação de cinco novos santos

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. A luz e a alegria do Pentecostes, que no dia de ontem caracterizaram a solene proclamação de cinco novos santos, prolonga-se e como que mergulha neste encontro festivo, durante o qual nos detemos para refletir sobre a ação do Espírito na sua existência, para aprender a ser, por nossa vez, disponíveis à graça do Senhor.

A santidade é verdadeiramente fruto do Espírito Santo que atua no homem, transformando-o numa nova criatura e comunicando-lhe a vida do próprio Deus. A todos renovo as minhas cordiais boas-vindas!

Santo Inácio de Santhiá

2. Em primeiro lugar, saúdo os peregrinos provenientes da Região do Piemonte que, juntamente com os queridos Capuchinhos, se alegram pela canonização de *Inácio de Santhiá*. O amor a Cristo, o desejo de perfeição e a vontade de servir os irmãos impeliram este vosso conterrâneo a deixar um ministério eclesial já bem iniciado, para então abraçar a pobreza e a austeridade da ordem capuchinha.

As crônicas recordam-no sempre cuidadoso e disponível na acolhimento de um grande número de pessoas, que a ele recorriam. Escutava os seus problemas e dificuldades e, por eles, fazia-se quotidianamente ministro do perdão de Deus, a ponto de ser chamado "pai dos pecadores e dos desesperados".

Umile de Bisignano

3. Depois, é-me grato saudar-vos a vós, diletos religiosos da Ordem Franciscana dos Frades Menores e o grupo de fiéis que aqui representam a nobre terra da Calábria. Vós estais em festa pela canonização do Frei *Umile de Bisignano*. A ação do Espírito Santo revelou gradualmente ao Frei Umile o fascínio da opção de vida evangélica, em conformidade com o estilo de Francisco de Assis, configurando-o cada vez mais, através de um incessante caminho de purificação e de ascese, com Cristo casto, pobre e obediente.

Umile (Humilde) de nome e de fato, ele é agora oferecido a todos os cren-tes como paradigma de fidelidade heróica ao Amor, vivida na humildade de

uma vida escondida e no abandono à santa vontade de Deus.

Afonso de Orozco

4. Agora, saúdo com afeto os peregrinos espanhóis vindos para a solene canonização de *Afonso de Orozco*, frade agostiniano, habitante da Mancha que se tornou universal. As ricas qualidades que o caracterizam fazem-nos realçar nele a figura de um homem de letras e de piedade, de serviço e de caridade, de cultura e de abnegação.

Entre os elogios que lhe foram dedicados, gostaria de evidenciar nele “a imagem viva do Evangelho”, porque este é o objetivo para o qual os cristãos são chamados: ser imitadores de Jesus, seguindo-o cada qual a partir da vocação que lhe é própria. E Santo Afonso de Orozco viveu isso como religioso agostiniano. Que a vida e os ensinamentos deste novo santo sirvam de ajuda para todos e de estímulo para seguir Jesus Cristo.

Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus

5. Saúdo com afeto os peregrinos brasileiros que vieram a Roma para participar na solene cerimônia de canonização de *Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus*, fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Seu testemunho cristão, levando-a a realizar gestos heróicos de renúncia e de abnegação pelo bem das almas, sobretudo pelos pobres e os enfermos, foi como a pequena semente plantada pelo divino Semeador que, hoje, qual árvore frondosa, se expande por essa terra generosa do Brasil.

Foi assim o carisma deixado por Madre Paulina à sua Congregação, feito de disponibilidade para servir, na Igreja, aos mais necessitados e aos que estão em situação de maior injustiça, com simplicidade, humildade e vida interior. Daí nasce seu exemplo de fé, para buscar e aceitar a vontade de Deus sempre em tudo; e de caridade, fio condutor que ligou todas as etapas da existência de Madre Paulina, com a total doação de si mesma aos irmãos, especialmente aos mais necessitados.

Benedita Cambiagio Frassinello

6. Agora, saúdo os peregrinos vindos a Roma, especialmente da Região da Ligúria, para a canonização de *Benedita Cambiagio Frassinello* e, em particular, as Irmãs Beneditinas da Providência por ela fundadas. Durante toda a sua vida, a nova santa esforçou-se por cumprir fielmente a vontade de Deus, contemplando sempre Cristo crucificado, exemplo de obediência perfeita ao Pai celestial.

Na escola comprometedora da Cruz, tanto na vida conjugal como na vida religiosa, Benedita testemunhou a *amorosa Providência de Deus*, que provê às necessidades dos seus filhos. Formulo-vos os bons votos a vós, estimadas Irmãs Beneditinas da Providência, e a quantos como vós se inspiram na espiritualidade e no exemplo da nova santa, a fim de continuardes a caminhar generosamente ao longo do sulco por ela traçado. Assim, às jovens gerações podereis dar testemunho da beleza da vida inteiramente “gasta” pelo Senhor e pelos irmãos.

Santidade como modelo de vida

7. Caríssimos irmãos e irmãs, juntamente com toda a Igreja, devemos dar graças ao Senhor por estes cinco novos santos. Eles são nossos amigos e protetores, intercessores e modelos de vida. Invoquemo-los com a oração, aprofundemos o conhecimento e imitemos as virtudes que os transformaram em mestres de humanidade e, também, de ascese evangélica.

A Virgem Maria, que neste mês de Maio invocamos com amor e devoção cada vez mais intensos, vos assista e vos proteja sempre. Acompanhe-vos também a minha Bênção que, com afeto, concedo a cada um de vós aqui presentes, fazendo-a de bom grado extensiva a todos aqueles que vos são queridos.

Joannes Paulus II



1. Mensagem da 40^a Assembléia da CNBB ao povo brasileiro

Aos queridos fiéis católicos, aos Irmãos na fé cristã e a todos os cidadãos brasileiros e brasileiras dirigimos a nossa saudação sincera e os votos de felicidade e bênçãos divinas.

Há 50 anos, desde 14 de outubro de 1952, nós, bispos da Igreja Católica no Brasil, estamos reunidos e organizados em “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”, a CNBB.

O que é a CNBB

A fundação da CNBB nasceu do sonho e do empenho de dar ao episcopado maior unidade de pensamento e de ação, numa sociedade em rápido desenvolvimento, garantindo uma estrutura permanente, que facilitasse o exercício da comunhão e da co-responsabilidade na missão própria dos bispos. Segundo a feliz definição do recente Sínodo reunido em Roma, o Bispo é chamado a ser “servidor do Evangelho para a esperança do mundo”.

A missão dos Bispos e da Igreja

A missão do Bispo continua a missão dos Apóstolos: anunciar o evangelho de Cristo e zelar pela unidade e o bem do povo a ele confiado, como o pastor cuida do rebanho para que te-

nha a plenitude da Vida, segundo a expressão de Jesus (Jo 10,10). A caridade do pastor, porém, não se limita à comunidade eclesial. Ela frutifica “no compromisso de amor ativo e concreto a cada ser humano” (João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, 49). E o Papa nos lembra: “Se verdadeiramente partimos da contemplação do rosto de Cristo, devemos saber vê-lo no rosto daqueles com quem ele mesmo quis identificar-se: ‘Pois eu estava com fome e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; era estrangeiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e me visitastes...’ (Mt 25,35-36)”.

A ação evangelizadora da CNBB

A CNBB iniciou suas atividades nos anos 50, valendo-se, também, da experiência nacional da Ação Católica, unindo às preocupações pastorais básicas, como a promoção da família cristã e das vocações sacerdotais, o interesse por grandes temas nacionais, como o desenvolvimento do Nordeste e da Amazônia, a reforma agrária, o acesso à educação. Nos diversos níveis da sua ação – nacional, regional, local

— recebeu, desde o início, a colaboração generosa e abnegada de leigos e leigas, presbíteros, religiosos e religiosas, aos quais expressamos nossa gratidão.

Nos anos 60, a CNBB participou ativamente do Concílio Ecumênico Vaticano II, cujas determinações procurou divulgar e implantar no Brasil por meio do Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), seguido, mais tarde, pela elaboração de novas “Diretrizes Gerais da Ação Pastoral”. Contribuiu, na mesma época, para a recepção do Concílio no continente, tendo atuação expressiva na Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968). Cuidou da reforma litúrgica e da tradução dos novos livros, oferecendo, até hoje, subsídios para orientação e incentivo da participação ativa dos fiéis na oração comunitária da Igreja. Promoveu o diálogo ecumênico com as Igrejas cristãs, consolidando mais tarde laços de solidariedade e cooperação com o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC) e incentivando o diálogo inter-religioso.

Nos anos 70, a CNBB distinguiu-se na defesa dos Direitos Humanos, na luta contra a tortura, na reivindicação da democratização do País. Ao mesmo tempo, voltou-se, com maior empenho, para a defesa dos direitos dos lavradores e dos trabalhadores urbanos e a promoção das comunidades eclesiais de base, confiadas a ministros leigos e leigas e a religiosas, tanto no campo quanto nas periferias urbanas, em rápida expansão. Cresceu em ardor missionário e se empenhou firmemente na defesa dos povos indígenas.

Nos anos 80, favoreceu a manifes-

tação dos anseios populares e de sua acolhida na Constituição da República, em 1988, inclusive a manutenção do ensino religioso nas escolas públicas; ao mesmo tempo, incentivou a participação dos leigos e leigas católicos em movimentos sociais e políticos e infundiu novo vigor à ação catequética e à formação sacerdotal, agora estimulada por forte aumento de vocações ao ministério presbiteral.

Nos anos 90, empreendeu os caminhos da “nova evangelização”, em resposta à emergência de novos anseios na cultura e no comportamento, sem descuidar da defesa dos direitos dos pobres e dos excluídos, gerados pela modernização seletiva, que enriqueceu alguns e produziu desemprego, precariedade e novas formas de pobreza para muitos.

Atendendo ao apelo do Papa João Paulo II, a CNBB animou o povo cristão a se preparar à celebração do Grande Jubileu da Encarnação. O Projeto “Rumo ao Novo Milênio” despertou nas comunidades nova consciência missionária e testemunho evangélico, trazendo nova esperança ao povo.

O desenvolvimento recente acentuou, ainda mais, a diferenciação da sociedade brasileira e seu pluralismo religioso, cultural e político, tornando mais complexa a ação da CNBB e dividindo as opiniões a seu respeito. Entretanto, reafirmamos o dever do episcopado de enfrentar questões sociais, pois temos consciência de nossa corresponsabilidade na construção de uma sociedade livre e pacífica, justa e fraterna, e porque nos esforçamos para remover obstáculos à difusão do Evangelho e dar testemunho da nossa fé em Cristo, que “por sua encarnação uni-

se de certo modo a cada ser humano” (*Gaudium et Spes* 22).

A unidade com toda a Igreja e com o Papa

Reafirmamos a missão do episcopado de cuidar não somente da unidade da Igreja em nosso País, mas de sua comunhão com as Igrejas do continente e do mundo, em particular com a Igreja de Roma, a Sé Apostólica de Pedro. Queremos expressar a nossa gratidão ao Papa Pio XII, que aprovou os primeiros Estatutos da Conferência – apresentados por Dom Helder Câmara, que da Conferência foi ardoroso promotor e primeiro Secretário Geral – e ao Papa Paulo VI, que sempre nos demonstrou estima e encorajamento.

Expressamos nossa gratidão ao Santo Padre João Paulo II, que visitou três vezes o nosso País em suas viagens apostólicas e que saudou a celebração dos 50 anos da nossa Conferência em carta, trazida à nossa Assembléia pelo Cardeal Giovanni Battista Re. Da carta destacamos as palavras: “A presença zelosa e vigilante dos Bispos na vida nacional, tal como fermento no meio da massa, serviu de estímulo corajoso para ajudar a percorrer o caminho traçado pelo Concílio Vaticano II, mormente no campo da vida eclesial, da justiça social e da unidade entre os cristãos...”.

Discernir os novos sinais dos tempos

O Santo Padre lembrou, também, que “a amplitude, profundidade e rapidez das transformações no mundo em que vivemos” obrigam os bispos a se aplicarem, especialmente, no discernimento dos sinais dos tempos.

É o que a nossa Conferência procurou fazer na presente Assembléia, olhando para suas perspectivas futuras. Há anos, constatamos em nossa sociedade o crescimento do individualismo e da permissividade e o afrouxamento da consciência de valores éticos fundamentais. Estas tendências permeiam tão profundamente a sociedade que não deixam de ameaçar e, às vezes, atingir, também, os fiéis cristãos. Alegremos, por outro lado, a emergência de novos anseios de espiritualidade e de experiência de Deus, assim como o multiplicar-se de movimentos e práticas de solidariedade, de defesa do meio ambiente, de disposição para construir uma nova sociedade por meio do serviço voluntário e gratuito.

Sentimos, sobretudo, a necessidade de renovação moral, que à ganância e ao desrespeito violento dos direitos e da dignidade das pessoas, particularmente das crianças, oponha profundo e generoso apreço à vida humana e à família e a prática ativa do bem e do serviço, em primeiro lugar aos mais necessitados. Igualmente, comprometemo-nos a trabalhar pela paz no mundo, particularmente na terra de Jesus, assim como em nossas cidades, marcadas por homicídios, seqüestros e outros atos de violência, até dentro das paredes do lar!

Apelo para o Mutirão contra a Miséria e a Fome

Convocamos especialmente todos os fiéis católicos a se unirem conosco e com todas as pessoas de boa vontade, em entendimento com as autoridades e instituições públicas, num *Mutirão Nacional pela Superação da Miséria e da Fome*. Esperamos que tal iniciati-

va seja um esforço coletivo que marque o início de nova etapa da história do Brasil, invertendo a tendência para a concentração da riqueza às custas do sofrimento de muitos, garantindo a todos os brasileiros o direito à vida e à alimentação. Ela será o sinal de que outra sociedade é possível, justa e fraterna, sem violência e discriminações, mais conforme ao plano de Deus.

Continuando a nossa missão

Reafirmamos nossa vontade de conviver pacificamente com todas as religiões e culturas, no respeito ao pluralismo e às diferenças. Nessa sociedade pluralista, justa e não violenta, queremos continuar a nossa missão de anunciar a Cristo, na certeza de que só Ele é para todos o Caminho da esperança e da vida. E queremos partilhar “alegrias e esperanças, tris-

tezas e angústias” de nosso povo, que está presente em nosso coração e em nossas orações, como fizemos na peregrinação ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no domingo 14 de abril, para agradecer a Deus os dons recebidos e também para pedir perdão por nossas faltas, quando não fomos, plenamente, testemunhas do Evangelho.

Nos próximos meses, com estudos e eventos, continuaremos celebrando os cinquenta anos de nossa história, pedindo ao Espírito Santo que nos ajude a compreender melhor o nosso tempo e a manter fidelidade à nossa missão, para que possamos ser efetivamente servidores do Evangelho, portadores de vida e de esperança para todos.

*Itaici, Indaiatuba, SP,
18 de abril de 2002*

2. O celibato e escândalos!

O celibato é dom concedido por Deus à pessoa que se entrega de modo absorvente, radical, de corpo e alma, à causa do Reino. É explosão de amor! Jesus foi celibatário não por obrigação e, sim, por livre opção da entrega total de sua vida ao Reino do Pai! No evangelho de Mateus (19,1-9), depois da controvérsia sobre o divórcio, Jesus se reporta ao celibato, como dom, afirmando: “existem os que não se casam por causa do Reino dos céus! Quem puder entender, entenda!”

A Igreja latina escolhe seus padres, entre homens que vivem em celibato e pretendem manter o celibato! Ninguém

pode ser forçado, obrigado, a ser celibatário, a não se casar, para ser padre.

Nas Igrejas Orientais, está em vigor, há séculos, uma disciplina diferente: enquanto os bispos só são escolhidos entre os celibatários, homens casados podem ser ordenados padres e exercem ministério muito útil em suas comunidades.

O celibato não pode ser responsabilizado por escândalos que têm sido comentados, denunciados, pelos meios de comunicação social. A problemática afetivo-sexual é bela, complexa, envolvente, desafiadora. Na vida dos padres, há luzes e sombras. A bem da verdade, há mais luzes que sombras.

No processo vital do padre, há fragilidades, pecados, também no campo sexual. Entre os casados, os deslizes são ainda maiores e mais numerosos! Digo-o não para justificar, explicar pecados de padres mas para deixar claro que a causa não pode ser colocada no celibato e sim, nas raízes genética, psicoafetivas que antecedem, acompanham e seguem a geração, gestação, nascimento, de cada pessoa! As causas-ocasiões residem no clima permissivista, erotizado, materialista em que a sociedade atual está imersa.

A Igreja deve ter cuidado cada vez mais esmerado na seleção e formação dos candidatos ao presbiterato. Esforços ingentes são feitos neste sentido. Nos longos anos de formação, onde profissionais em psicologia, espiritualidade, também devem estar presentes, candidatos não celibatários vão se afastando ou são convidados a enveredar por outros caminhos! Dramas surgem, com maior frequência, quando, por motivos os mais adversos, não celibatários são ordenados padre. Atenção particular merecem os próprios padres durante a vida toda, sendo promissor, em sua formação permanente, o surgimento da Pastoral Presbiteral que dedica atenção especial aos aspectos da sexualidade e afetividade.

Neste contexto todo, surge com ímpeto a pergunta: ao lado de padres celibatários, não seria conveniente a abertura, por parte da Igreja latina, à ordenação presbiteral de homens casados, provados na vida conjugal-familiar, profissional e religiosa?

Os representantes dos padres do Brasil, reunidos em Itaici, em seu 9º Encontro Nacional, de 1º a 6 de fevereiro

de 2002, sobretudo diante das 70 mil comunidades eclesiais que não têm celebração dominical da eucaristia, proclamaram a necessidade de revisão das “modalidades do ministério presbiteral, fixadas por uma longa tradição, mas hoje inadequadas à realidade e distantes da práxis do Novo Testamento e da Igreja Antiga...” Donald B. Cozzens, reitor e professor de teologia pastoral no Seminário Santa Maria, Cleveland, EE.UU., em seu livro “A Face Mutante do Sacerdócio” afirma que a mudança de postura da Igreja neste campo, é urgente: “Mais cedo ou mais tarde, a questão será enfrentada mais objetivamente do que nas últimas décadas do século XX. Quanto mais isso demorar para acontecer, maior será o dano para o sacerdócio e para a Igreja”.

Padres casados, ao lado de padres celibatários exercendo o ministério, não estarão imunes de lutas, quedas, pecados, no campo sexual. A condição humana é complexa, “trágica” na afirmação de Malraux. Os Padres encontram na misericórdia do Senhor Jesus a fonte de sua esperança. Confiando no seu amor e agradecendo o perdão que os revigora, têm ânimo para retomar o caminho, apesar das falhas. A verdade é que, homens, não anjos, com responsabilidades especiais, chamados à coerência de vida no seguimento de Jesus, os Padres contam com a graça e a misericórdia do Ressuscitado e marcam presença de máxima importância, por sua dedicação, heroísmo até, na vida da Igreja e da Pátria brasileira!

Dom Angélico Sândalo Bernardino

Bispo de Blumenau (SC) e responsável pelo
Setor Vocações e Ministérios da CNBB

3. Alimento, dom de Deus, direito de todos!

"Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,37)

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (GS 1). É nesta fidelidade a Jesus, a serviço do povo de Deus, que celebramos, como pastores, a vida de nossas comunidades de fé, a graça de caminharmos juntos com elas e a alegria da comunhão e colaboração fraternas no seio da nossa Conferência Episcopal que celebra seus 50 anos de fundação. Entretanto, nos preocupa e aflige a desumana miséria e a fome que atingem dezenas de milhões de brasileiros. Encontrando-nos com eles, somos tomados pelo mesmo sentimento de Jesus, que "encheu-se de compaixão..., porque eram como ovelhas sem pastor" e convocou os discípulos dizendo: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,34-37).

Apesar de todo o progresso tecnológico e de toda a modernização da economia, a fome persiste como o indicador mais visível e grave da situação desumana que coloca nosso país entre os mais injustos do Planeta. As desigualdades sociais crescem como fruto deste modelo de globalização do mercado, que concentra poder e riqueza enquanto faz diminuir os postos de trabalho nas atividades econômicas na cidade e no campo. Degrada a natureza, causa desastres ecológicos e multiplica, a cada dia, o número de excluídos. Existe, entretanto, alimento suficiente para todos e a fome e a miséria

se devem à má distribuição da terra e à desigual repartição dos bens e da renda. Daí brota a interpelação: Como pode uma população cristã, em sua maioria, conviver com tal situação? A consciência cristã clama, pois nada pode justificar que tantos irmãos e irmãs padeçam fome.

"Dai-lhes vós mesmos de comer". Não bastam, meus irmãos e minhas irmãs, respostas paliativas e compensatórias a um problema que exige outra mentalidade e políticas públicas adequadas, firmes e ousadas. Faz-se necessária também uma mudança espiritual. Como nos ensina o Papa João Paulo II: "... há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles" (NMI 49).

"Dai-lhes vós mesmos de comer". Agora não é mais tempo de espera, mas de tomada de posição. A vinha amadureceu, é tempo de colheita. Não é aceitável ficarmos indiferentes diante da injustiça, da exclusão social, da fome frente ao consumismo exacerbado e ao desperdício. Não podemos assistir impassíveis à destruição do planeta, terra e água, agravada por um modelo econômico que busca o lucro a qualquer custo, particularmente na especulação financeira. O momento urge. Sigamos, pois, os passos de Jesus, firmados na sua palavra de alento: "No mundo, tereis aflições. Mas tende coragem! Eu venci o mundo" (Jo16,33).

"Dai-lhes vós mesmos de comer". Impõe-se a construção de uma nova sociedade, de justas relações entre homens

e mulheres e entre todas as pessoas que buscam alternativas solidárias. O resgate da dignidade humana, especialmente dos pobres, não pode limitar-se à assistência emergencial, mas exige que todos participem na transformação da sociedade e da economia, promovendo uma ordem voltada para o bem comum. O Reino é vida nova, defesa incondicional da pessoa humana como centro de decisões políticas alicerçadas em princípios éticos; uso sóbrio e responsável dos recursos naturais, com respeito à biodiversidade. O Reino fundamenta-se na solidariedade, cuja raiz “é a paz, fruto da justiça” (Is 32,17), que congrega irmãos e irmãs ao redor da mesa, no banquete da vida e na partilha do mesmo pão.

“Convertei-vos e crede na Boa Nova!” (Mc 1,14). O apelo de Jesus é dirigido às pessoas, às comunidades e a toda sociedade. Converter-se é mudar de rumo. João Paulo II nos convida “a decifrar o apelo de Cristo a partir desse mundo da pobreza” e trilhar criativamente outros caminhos. Diz o Santo Padre: “É hora de uma nova ‘fantasia da caridade’, que se manifeste não só nem sobretudo, na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna” (NMI, 50).

“Dai-lhes vós mesmos de comer”. Irmãos e irmãs, não basta sobreviver, é preciso viver e conviver! Não basta vencer a dor, é preciso sorrir com as crianças e esperar com os jovens! Não basta suportar os dias de nossa existência, é preciso acreditar na felicidade e transformar sonhos em realidade. Não há verdadeira conversão sem a

superação da miséria que atinge milhões de famílias brasileiras.

Um dos primeiros sinais de efetiva evangelização, no início deste milênio, será a eliminação da fome, expressão da miséria que mancha o nosso país. Alimento é dom de Deus e direito de todos. Pessoa com fome, é pessoa violentada em seu direito. Deve ser atendida por gestos pessoais, por ações solidárias de nossas comunidades; por novo modo de organizar a produção e distribuição dos bens e serviços, segundo as necessidades do povo; pelo empenho da sociedade civil e por uma mudança ética nas prioridades das políticas públicas.

“Dai-lhes vós mesmos de comer”. Em espírito de conversão, a CNBB, reunida aos pés de Nossa Senhora Aparecida, com humildade e confiança em Deus, convoca a todos, para atender a esse mandato do Senhor, por meio de um grande MUTIRÃO NACIONAL PELA SUPERAÇÃO DA MISÉRIA E DA FOME. Para vencermos tamanho desafio, unidos aos esforços dos próprios excluídos e a todas as pessoas de boa vontade; unidos aos irmãos e irmãs de outras Igrejas cristãs e grupos religiosos, dos movimentos populares, sindicatos, instituições e Poderes Públicos, invocamos que desçam sobre nós, sobre o nosso país, as bênçãos de Deus, Pai misericordioso. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Amém!

Aparecida, 14 de abril de 2002.

40ª Assembléia Geral – Itaici (SP), de 10 a 19 de abril.

Homilia do Presidente da CNBB, Dom Jayme Henrique Chemello, na missa do dia 14 de abril, em Aparecida (SP).

4. Mais profetas e menos bombeiros da solidariedade

A Igreja por natureza è comprometida com a solidariedade, porque ela é por essência solidariedade para com a humanidade. Por isso, ela nasceu, cresceu e ainda hoje vive no meio do mundo. Não pode existir uma Igreja de Jesus Cristo sem solidariedade. O cristão(ã) é por constituição evangélica um ser solidário.

Jesus Cristo é filho da solidariedade de Deus, Pai e Mãe, para com a humanidade. Ele foi gerado pelo imenso amor do Pai para com as pessoas humanas, de maneira preferencial para com os pobres. Por isso, Deus se encarnou e colocou a sua tenda no meio do mundo através da presença profundamente e intensamente solidária do filho Jesus.

O Deus do Êxodo se manifestou como o Deus da libertação, pois libertou o próprio povo sofrido e massacrado daquela terrível escravidão do Faraó, no Egito, e o conduziu rumo à terra prometida: o lugar de liberdade e de dignidade humana. O profeta Moisés denunciou a opressão e lutou pela libertação do próprio povo. Este evento tornou-se a Páscoa hebraica, a festa que marcou a história e a vida do povo de Israel.

O Deus de Jesus Cristo se revelou como o inesquecível e intenso amor que liberta de maneira integral a humanidade e o cosmo de cada tipo de opressão e escravidão, sem medo de denunciar os males, as causas e os responsáveis da injustiça social e da cultura de morte, anunciando a vinda do Reino de Deus. Por isso, este homem de Nazaré

foi ameaçado de morte várias vezes, condenado e assassinado naquela desumana cruz. Mas Deus o libertou também da morte ressuscitando-o: *"Ressurreição é a entronização de alguém numa ordem tal de vida que esta não tem mais nenhuma entropia, nenhuma necessidade de morrer. É uma vida tão inteira que exclui a realidade da morte. Portanto, é a realização da utopia de uma vida sem fim e absolutamente realizada"* (Leonardo Boff).

Podemos afirmar que ninguém conseguiu libertar tanto e tão profundamente uma pessoa dos próprios limites e das opressões impostas pelas realidades humanas, quanto Deus através da ressurreição de Jesus Cristo, tornando-se a Páscoa cristã que é a maior festa do cristianismo.

Esta é verdadeira solidariedade para com a humanidade: libertar de todos tipos de opressões, limites, injustiças, conseguindo derrubar o grande limite da vida terrena que é a morte, para dar um sentido pleno, profundo e eterno à vida humana.

Então, Deus não age com toques de carinho ou com pinceladas de fraternidade para aliviar a vida da humanidade, como se fosse o bombeiro da solidariedade que entra em ação quando a humanidade está queimando de injustiça e opressão. Deus é solidariedade e, por isso, exige a realização do seu sonho – o Reino de Deus – que se constrói, hoje, através de uma sociedade justa e solidária: a terra sem

males, segundo os povos indígenas, um outro mundo possível, segundo os movimentos sociais e as entidades mundiais do FSM.

Os agentes, seja de pastoral ou de cidadania, são, muitas vezes, bombeiros da humanidade, intervindo para aliviar os sofrimentos provocados pelo sistema neoliberal (sistema esse que é nefasto, cruel e profundamente antievangélico), através da oferta de cestas básicas, de esmolas e de injeções de paciência e resignação. Tudo isso pode ser útil para quem não agüenta mais e está na beira de um desespero mortal. Todavia, isso não muda o sistema sócio-político e econômico, imposto à humanidade, mas somente alivia o sofrimento, enquanto o modelo neoliberal continua com a sua terrível opressão, apartação e empobrecimento dos excluídos.

O governo de FHC está aumentando as suas pinceladas de solidariedade sobre o povo brasileiro através das várias bolsas: escola, alimentação, saúde, etc. Enquanto o salário mínimo continua a ser uma mixaria, o desemprego aumenta massacrando sobretudo os jovens, a reforma agrária e urbana fica somente no papel e a corrupção se espalha nos vários poderes. Hoje a política neoliberal, para demonstrar que está preocupada do social, está assumindo a postura de bombeiro da solidariedade, como aconteceu no caso da seca do Nordeste, onde houve uma tempestade de cestas básicas mas sem arrancar a indústria da miséria, e por isso, ainda hoje, a fome do nordeste continua matando.

Eis, então, o grande desafio de hoje: ser profeta e não tanto bombeiro da

solidariedade. Ser profeta da solidariedade exige cinco posturas fundamentais:

1. o sentimento de indignação diante das injustiças e do sangue derramado pela ganância dos poderosos;
2. a capacidade de perceber e descobrir as causas dos males, as estratégias e as armadilhas usadas pelos sistemas opressores, como no caso do capitalismo neoliberal que para dominar o planeta usa a globalização neoliberal;
3. a coragem de denunciar as raízes das injustiças globais e mostrar a cara dos responsáveis das várias opressões;
4. a força da resistência dos pequenos e excluídos diante do sistema que quer aprisionar os povos da terra e violentar a humanidade, resgatando todo o potencial humano, cósmico e divino de resistência e de luta;
5. a sabedoria do discernimento dos sinais dos tempos, pois eles fazem deslumbrar os caminhos contemporâneos para poder elaborar alternativas e construir desde já um outro mundo que é possível. A Caminhada dos Direitos Humanos e o Fórum Social Mundial são alguns dos sinais de hoje para apontar o rumo da verdadeira paz construída através da justiça.

Eis o lema para os novos agentes de pastoral e de cidadania:

MAIS PROFETAS E MENOS BOMBEIROS DA SOLIDARIEDADE!

*JUSSOL da CRB de Belém –
13/04/2002*

Pe. Adriano Sella

Testemunho – Irmã Cleusa C. R. COELHO, missionária Agostiniana Recoleta – Mártir da Causa Indígena

*“Comprometer-se com o ÍNDIO”,
o mais pobre, desprezado e explorado,
é assumir firme a sua caminhada...”*

(Ir. Cleusa).

IR. MARIA JOSEFINA CASAGRANDE, MAR

A Vida

Natural do Estado do Espírito Santo, Cleusa nasceu aos 12 de novembro de 1933, na cidade de Cacheiro do Itapemirim, onde passou sua infância e juventude. Ao concluir o curso de Magistério, é premiada com a medalha de melhor aluna do colégio e recebe também, do governo do Estado, o prêmio de poder escolher a escola e exercer o trabalho de professora, sem passar pelo Concurso. É neste momento que a jovem Cleusa faz a opção de deixar tudo e ingressar na Vida Religiosa. Após contatos com os Padres Agostinianos de sua cidade e de receber o Sacramento do Crisma, ingressa na Congregação das Missionárias Agostinianas Recoletas. Com apenas 20 anos de idade, emite os Votos Religiosos e, cinco meses depois – em março de 1954 – é enviada à Missão de Lábrea, no interior do Amazonas. Ali, juntamente com

três outras religiosas, trabalha na Educação, na catequese, no atendimento ao povo nas suas inúmeras necessidades... Experimenta as dificuldades do clima, do isolamento, das distâncias, da falta do necessário... Frente a estes e a tantos outros desafios, Cleusa sempre tem um sorriso e uma palavra de confiança em Deus de que a missão daria certo. Depois de alguns anos no Amazonas é enviada à Colatina/ES onde faz os Votos Perpétuos e posteriormente à Vitória/ES, para trabalhar no colégio agostiniano que está iniciando. Nesta época faz o Curso de Letras Anglo-Germânicas na Universidade Federal do Espírito Santo, participa da coordenação da JUC e novamente é homenageada como a melhor aluna. Daí em diante, Vitória/ES, Manaus e Lábrea/AM, são os lugares onde Cleusa vive sua doação a serviço do Reino. Fiel aos seus compromissos, tanto de professora, diretora

do Agostiniano, do Educandário Santa Rita/AM, como nos serviços às paróquias e CRB, Cleusa concilia o tempo para marcar presença entre os mais necessitados. Em Vitória visita com muita frequência o Hospital, com a finalidade de descobrir enfermos estrangeiros, para ver se precisam de algo, ou simplesmente para conversar, a fim de que não se sentissem só. Falava inglês, francês, italiano, espanhol e um pouco de alemão, o que lhe permitia confortar os doentes estrangeiros. Em Manaus dá atenção aos menores de rua, drogados, presos... Numa de suas cartas diz: "Dia de Natal e de Ano Novo tive a companhia de alguns garotos, liberados da Delegacia de Menores. Até ajudaram a limpar a Igreja; fizemos festa juntos à noite. Uma experiência interessante: partilhar com os pequenos marginais, sentir-se irmã realmente deles, ouvi-los, compreendê-los. Depois disto já voltaram à prisão várias vezes, mas sabem que contam com a gente..." Em outra ocasião fala: "Cristo é o ofendido, o marginalizado, perseguido na pessoa do MENOR; novamente exposto à fome e a outros danos piores...". Em 1979 retorna a Lábrea pela terceira vez, onde seria martirizada. Assume a direção do Educandário Santa Rita e reassume os trabalhos junto aos seus preferidos, os empobrecidos. Logo ao chegar, escreve: "Enquanto aguardamos a vinda de outras irmãs, vamos entrando em contato com a nova realidade de vida e ação. Estivemos visitando os poucos índios que ainda restam do grupo próximo, de Apurinã: de novembro para cá morreram sete. Restam só seis... al-

guns ainda adoentados... estive na Delegacia com os presos, e fomos mais tarde, ver os leprosos e assistir à reunião da Comunidade da Praia de Lábrea." Cleusa tinha especial predileção pelos índios. Sempre quis dedicar-se a eles mais de perto, por considerá-los os mais esquecidos, abandonados e explorados e, portanto, os mais pobres dentre os pobres. Ela mesma, dias antes de ser assassinada, encerra um relatório para o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) com as seguintes palavras: **"COM-PROMETER-SE COM O ÍNDIO, O MAIS POBRE, DESPREZADO E EXPLORADO É ASSUMIR FIRME A CAMINHADA, CONFIANTE NUM FUTURO CERTO E QUE JÁ VAI SE TORNANDO PRESENTE NAS PEQUENAS LUTAS E VITÓRIAS, RECONHECIMENTO DOS PRÓPRIOS VALORES E DIREITOS, BUSCA DE UNIÃO E A AUTO-DETERMINAÇÃO. VALE ARRISCAR-SE!"** (abril de 1985).

O povo Apurinã

Os relatos dos primeiros exploradores da região do Rio Purus/AM – na segunda metade de séc. XIX – falam que os Apurinã habitavam grande extensão de terras, desde as cabeceiras do Rio Purus aos seus afluentes, Ituxi e Pacιά, distribuídos em grande número de malocas. Esse povo, tão numeroso naquela época, foi sendo dizimado, desarticulado social e politicamente, vítima da exploração, do desprezo, da discriminação dos brancos que invadiram a região. Usados no trabalho de extração do látex, na coleta da sorva e castanha, na retirada

indiscriminada da madeira, os índios Apurinã tornaram-se “mão de obra barata”, nas mãos dos coronéis da borracha. À mercê dos exploradores, sem escolas e atendimento à saúde, desamparados pelos órgãos públicos e pela Igreja, os índios foram perdendo a sua identidade como Povo Apurinã.

Em 1979, com o apoio do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e outros missionários sensíveis à causa indígena, são realizados alguns encontros com diversas lideranças indígenas da Região do Purus. A partir daí o POVO APURINÃ desperta e percebe que é vítima da exploração e invasão de suas terras... Nasce a esperança de viver como povo, de resgatar sua identidade, crenças, terra, enfim, resgatar A VIDA! Começam a se organizar e lutar por seus direitos, defender suas terras e riquezas naturais. Exigem da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) a demarcação das áreas, a não exploração dos produtos naturais por parte dos brancos. Essas atitudes do povo Apurinã mexeram com os exploradores que se encarregaram de semear entre os índios e pequenos agricultores o ódio, a vingança, o desprezo ao índio... Os desentendimentos crescem, as hostilidades explodem, a violência se impõe, gerando constante tensão entre índios e brancos, agravada pela indefinição da FUNAI, que só no início de 1985 apresenta um mapa da área indígena próxima a Lábrea, o que aumenta entre os exploradores a revolta contra o povo Apurinã. A cidade vive clima de insegurança, de desconfiança, medo... Enquanto isso na “surdina” trama-se a eliminação do Tuxaua Agostinho e da Irmã Cleusa.

O compromisso radical

A questão indígena acompanha as reflexões da Igreja de Lábrea, em suas sucessivas Assembléias de Pastoral. Em 1982, a Pastoral Indigenista é assumida como uma das Prioridades da Prelazia. Cleusa se oferece para atuar aí, e no ano seguinte fica liberada para o trabalho com os índios, exercendo também a função de coordenadora do sub-regional Purus, do CIMI Norte I.

Desde que retornara a Lábrea em 79, a presença de Cleusa entre os indígenas é muito marcante. Percebe toda injustiça contra esses povos e cada vez é mais consciente de que o Senhor queria que estivesse junto a eles. Suas cartas o revelam: “Pensem em nossos irmãos Apurinã cujas terras foram invadidas e retalhadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)... É tempo de fazer força junto a FUNAI e em Brasília para que a terra deles seja demarcada...” “Em nossa Prelazia nenhum grupo indígena teve sua área demarcada, apesar da lei 6001...” “Nossos irmãos Apurinã estão agitados, mas ainda não violentos”... “Hoje foram ao INCRA, mas não os deixaram entrar...” Em outra carta da época: “... aqui já estava preparado o “rebu”, por causa da castanha, com polícia vigiando a nossa chegada... também fui chamada à Delegacia e o delegado ficou “bala” comigo... fui chamada ao INCRA (por aticar os índios). Tudo certo e ouviram o que achei conveniente...” Cleusa vivia esta tensão sem ter a quem apelar... Ao narrar atitudes do juiz, do delegado, diz: “... a injustiça anda solta por aqui...” “Férias agitadas e sofridas com a morte do filho do tuxaua Agostinho (Apurinã).

A gente está aqui, ao lado dos irmãos ÍNDIOS, despojados e desprezados... você também é chamado a apoiá-los...". A velha tática, na região, de atizar índio contra índio, facilitava o trabalho e a ambição dos brancos. Também se ouvia dizer que autoridades, fazendeiros, comerciantes e donos de seringais rejeitavam a Irmã Cleusa. "Aqui se vivia tudo em paz... com a chegada da Irmã, virou essa confusão", relata um comerciante. Mais tarde a índia Cecília Apurinã desabafa: "Os polícias tinham raiva da irmã, porque ela defendia os caboclos (índios)... eles dizia que um dia ia metê bala nela"... Para evitar maiores conflitos entre índios, atizados por brancos, com orientações de Irmã Cleusa e de acordo com a FUNAI, o Tuxaua Agostinho decide mudar, com sua família, para uma área distante da cidade e ali reconstruir sua aldeia, seu povo, sem a exploração dos brancos. Ao recomeçar sua vida com os poucos parentes, numa atitude de provocação e afronta, desobedecendo a ordens da FUNAI, alguns comerciantes entram na área de Agostinho, acompanhados por índios de outro grupo. Um mês depois contratam um índio para ir à aldeia e matar Agostinho e sua família. Não o encontrando em casa, matam a mulher e um dos filhos... A notícia corre na cidade... Cleusa que se preparava para passar uns dias na aldeia, apressa a viagem... "Parece que houve mortes na aldeia", dizia, "eles estão precisando, eu tenho que ir lá..." e decididamente vai. Chega na aldeia ao entardecer do dia 27 de abril de 1985... ninguém por ali... tudo deserto! Embaixo da casa duas sepulturas novas... Segue viagem rio acima e pernoita numa outra famí-

lia onde fica sabendo dos fatos com mais detalhes. Na manhã seguinte toma a direção a Lábrea, parando na casa de Agostinho, que permanece deserta! Cleusa faz um bilhete e deixa pendurado... Agostinho que estava escondido na mata por medo de novos ataques, identifica a presença da Irmã na área pelo barulho do motor. Apresenta-se a ela, ouve suas recomendações e concorda em aguardar o retorno da Irmã que vai a Lábrea tomar as providências. Cleusa inicia a viagem rio abaixo... Em determinado ponto encontra com o autor dos crimes anteriores que ia subindo... Ela faz para ele um sinal, como quem desejasse conversar, mas ele puxa uma arma e aponta em direção a canoa de Irmã Cleusa, que diz para seu canoeiro: "Caia n'água, meu filho, que você tem filhos prá criar"... Ele o fez e de longe ouve, sem entender, conversa de Cleusa com o índio. Pouco depois escuta um tiro e o barulho do motor subindo o rio... Enquanto isso, na tarde desse dia 28 e na manhã seguinte, na cidade corria a notícia: "mataram a Irmã Cleusa..." O canoeiro de Cleusa só conseguiu chegar na cidade na tarde do dia 29 e relata os fatos a Frei Jesus Moraza e a Irmã Josefina C. Iniciam-se as buscas, na esperança de encontrá-la com vida!... Somente no dia 03 de maio é que Frei Jesus Moraza – hoje bispo de Lábrea – localiza seu corpo – sem vida – acima do lugar onde houve a tentativa de diálogo. "Estava na mata, a uns 50 metros da beira do rio, de bruços, totalmente despida..." relata o frei. Circunstâncias várias impediram o recolhimento do corpo naquela tarde... No dia seguinte, depois de muitos atropes-

los, pelas 11 horas, Fr. Jesus consegue, com uma comitiva, deslocar-se para o local... recolhe o corpo e, já de noite, chega a Lábrea, deixam-no no hospital, para exames e depois é conduzido à Catedral e dali ao cemitério. O povo acompanha com faixas de protesto contra a FUNAI, contra os mandantes do crime, e, reconhecendo a luta de Irmã Cleusa, pergunta: "Até quando?..." Os índios que ali se encontram, acompanhando a celebração, se lamentam: "Ela era a nossa mãe... agora quem vai cuidar de nós?..." Ao mesmo tempo, em algum barzinho da cidade, alguém comemora o fato com cerveja. Os exames do cadáver revelam a brutalidade com que fora assassinada: "muitas costelas quebradas, o crânio fraturado, fraturas múltiplas na coluna vertebral, traumatismo craniano, amputação do braço direito com objeto cortante, e diversas partículas de chumbo no tórax e região lombar". No dia 05 de maio, já era o sétimo dia do assassinato... a Catedral amanhece ornada com a frase: **"IRMÃ CLEUSA MÃE DOS POBRES E OPRIMIDOS"**, confeccionada em mutirão pelos pobres de Lábrea.

Cleusa vive

O título de **"MÁRTIR DA CAUSA INDÍGENA"** é dado à Irmã Cleusa pelo bispo Pedro Casaldáliga, que a conhecia e sabia de seu trabalho, e confirmado pelo povo, na Primeira Roma-

ria dos Mártires da Caminhada em Ri-beirão Cascalheira, MT, por ocasião do décimo aniversário do martírio do Pe. João Bosco P. Burnier, SJ e nas sucessivas Romarias da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Cleusa não só permanece viva entre os povos indígenas da região, em especial entre o Povo Apurinã, mas também na Vida Religiosa, nas Igrejas particulares e comunidades onde viveu, que a cada ano celebra sua vida, sua coragem, sua doação, pois, a fé nos diz que o "sangue derramado é semente de novos cristãos", que o seu martírio não foi em vão. A cada ano os pobres de Lábrea, com o apoio da Igreja, realizam uma caminhada de fé, de reflexão. O testemunho de Irmã Cleusa, como o de tantos outros que tombaram pela causa indígena, questiona a todos! É um grito que alerta para a realidade dos povos indígenas do Brasil.

Cleusa nos ensina que o Reino, a Terra sem Males, é possível ser construído no dia a dia, com os pobres, os excluídos. Por isso lutou junto a eles, com coragem, colocou-se ao lado dos empobrecidos, foi coerente com a fé que abraçara, doou sua vida, derramando o sangue em favor da causa indígena. Cleusa, nossa irmã Mártir, rogai por nós.

Endereço da autora:
Rua Palmeira, 88 - Califórnia
45604-340 - Itabuna - BA

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 Que fazer nas nossas comunidades para que o testemunho de religiosos e religiosas mortos por defender a causa dos pequenos e excluídos seja uma constante "pro-vocação" à radicalidade do nosso compromisso com o Reino?
- 2 Como repercute na sua comunidade o "martírio" da Ir. Cleusa? Que lições ela nos deixou?

Espiritualidade e Cidadania na Perspectiva da VR

EDÊNIO VALLE, SVD

A cidadania é um sinal para a VR e precisa ser entendida e trabalhada em toda a extensão de seu significado. Para mim, a dimensão espiritual desse significado dá continuidade ao que vivemos e refletimos em termos de espiritualidade da libertação, mas trazendo elementos novos que carecem de um discernimento mais apurado. Essa é uma questão que representa um desafio para os que, na América Latina de hoje, assumem o seguimento de Jesus como meta e opção fundamental de sua vida pessoal e comunitária.

1. Nos duros decênios entre os anos 60 e 80, o Espírito nos colocou em situações históricas – internas e externas à Igreja – que exigiam de nós um tipo inédito de conversão. Hoje, na aurora do século XXI, percebemos que aquele modo de responder ao que João XXIII chamava de “sinais dos tempos” precisa ser revisitado e revisto em profundidade, pois novas são as conjunturas e novas as “provocações do Espírito” (João Paulo II). De um lado, para nós religiosos/as, é evidente a existência de uma “ordem neoliberal” que se auto-proclama como sendo o “fim da história”. Para alguns, ela seria a única via válida para a construção de uma sociedade aberta a todos. Do seu ponto de vista, essa via seria compatível com nossa vocação, contanto que se tomassem algumas precauções. Mas, de outro lado e com força crescente, a maioria de nós já percebeu não ser esse o caso. No mundo globalizado de hoje,

essa aparente “ordem” continua sustentando a “desordem” de sempre. Donde a convicção de que a VR não pode endossar uma proposta de “vida cidadã” que se adapta a um sistema que discrimina e exclui. VR e vida cidadã precisam ser vivenciadas como tensão e não como unidade pura e simples.

Saliento que a questão das relações entre cidadania e VR não deve ser encarada só na perspectiva dos sujeitos. Nem o conceito de cidadania, nem o de VR o permitem. Por sua própria formação histórica, essa última, na América Latina, sempre teve um eminente papel na configuração da sociedade e da cultura. Houve erros e acertos no exercício da cidadania, seja qual for o significado que essa palavra possa ter tido em séculos passados. Hoje, em circunstâncias um tanto sombrias, a VR sente que a construção de uma sociedade democrática (de “comunhão e participação”) e de cidadãos/ãs conscientes e livres (na qual os direitos civis, sociais e políticos são respeitados) exige dela um repensamento que toca suas obras e suas alianças e parcerias tradicionais, ou seja, tem a ver com o papel social de fato exercido pelo conjunto da VR no todo da sociedade e da cultura atuais. A questão do papel social e político da VR retorna aqui sob novas roupagens.

2. Dividirei minha reflexão em dois pontos, seguindo o roteiro indicado pelo título. Após tratar a questão da cidadania, assim como essa emerge no meio que conheço, o brasileiro, aborda-

rei algo dos rumos que a espiritualidade hoje parece estar tomando entre os religiosos/as que buscam exercer em plenitude sua cidadania e conduzir suas comunidades e obras no mesmo sentido.

1. A cidadania na perspectiva da VR de hoje

1.1. Como a VR vê hoje a cidadania

Sempre me chamou a atenção a maneira rápida como certas palavras aparecem e desaparecem do vocabulário religioso e teológico. Às vezes trata-se de meros modismos. São coisas superficiais que não resistem ao teste da realidade. Ligam-se, provavelmente, aos “falsos profetismos” e ao vento das curiosidades de que fala a Bíblia. Mas, essas palavras traduzem também a busca e a inquietação mais fundas que atravessam todo o corpo da VR. Elas expressam a sensibilidade do que está acontecendo em uma dada conjuntura. Precisam ser analisadas e discernidas enquanto “sinais” de algo mais duradouro. A questão chave é saber se refletem apenas algo passageiro ou se nelas se esconde um convite de Deus à conversão. Vejo a palavra “cidadania” como um desses termos que, meio de repente, todo mundo começa a usar. O que será propriamente seu significado histórico: é apenas conjuntural ou diz respeito a processos mais fundos? E seu sentido espiritual: em que o termo retoma ou não o “cantus firmus” da VR?

Para investigar o sentido do vocábulo “cidadania” fiz duas pequenas pesqui-

sas. A primeira no âmbito da literatura mais recente sobre a própria VR. Tomei a revista dos Religiosos/as do Brasil (“Convergência”) e consultei os temas abordados entre 1999 e 2001. Não encontrei a palavra “vida cidadã” ou “cidadania” em nenhum dos títulos dos quase 150 artigos listados. Mas, é grande o número de textos que tratam de assuntos muito vizinhos ao que hoje chamamos de cidadania. Os termos que aparecem com maior frequência são: “solidariedade”, “reconciliação”, “vida e esperança” e “inclusão-exclusão”. Nas entrelinhas sente-se a inspiração de conceitos de largo uso nos anos 70 e 80, como “libertação” e “opção pelos pobres”. As reflexões mostram que os autores/as têm presente a conjuntura que se esboçou nos anos 90, mas buscando manter vivos prismas, valores, conquistas e atitudes que vêm dos decênios anteriores. Existe uma clara consciência de que já não estamos nos anos 70, e que as iniciativas e aprendizagens que tiveram início com o Vaticano II e Medellín precisam ser repensadas no novo contexto que basicamente é o de uma sociedade formalmente democratizada, mas submetida às pressões de um sistema globalizador que dificulta a concretização dos grandes sonhos expressos em palavras densas como “opção pelos pobres”, “inserção”, “libertação”, “inculturação”, etc. Ao invés de tratar o assunto em uma linha especulativa e espiritualizante, os autores descem a situações muito concretas¹, referindo-se

¹ Escolhi três exemplos para mostrar o que encontrei em “Convergência”. São situações concretas que tocam a criação de uma VR cidadã que revê seu papel em campos muito tradicionais de sua atuação social, como a saúde, a educação e a formação: Lepargneur, H., Saúde e solidariedade, em: *Convergência*, 34 (1999) No. 323, p. 313- 320; Azevedo, Marcello de C., Inclusão, solidariedade e cultura no contexto da escola, em: *Convergência*, 34 (1999), No. 324, p. 324 - 367; Murad, A., Presença solidária e formação inicial, em: *Convergência*, 34 (1999) No. 322, p. 239- 249.

a campos e obras de longa tradição na VR. Dou três exemplos.

H. Lepargneur, conhecido teólogo e especialista na atuação da Igreja na área da saúde, mostra como o ideal humanista e caritativo – que imperou na França após a revolução francesa e foi solidamente implantado na América Latina na primeira metade do século XX, moldou a figura das “santas casas de misericórdia” e das religiosas enfermeiras, símbolos admirados, mas já não correspondentes ao tipo de instituição hoje tida como adequada na saúde pública ou privada, assim como a vêm a Organização Mundial da Saúde e as ONGs modernas – como a “Mãos Estendidas” ou “Médicos para o Terceiro Mundo”.

Que tipo de presença cidadã é hoje requerida da VR que trabalha nesse setor vital? São dois os modelos existentes entre nós. Um é o de uma medicina qualificada, mas altamente privatizada e excludente; outro, é estatizado e público, mas geralmente de baixo nível qualitativo e nem sempre aberto a todos. Em uma medicina “polimorfa e essencialmente descentralizada”, além de elitista e seletiva, como é a do atual sistema médico-hospitalar, quais seriam os traços de uma “democracia sanitária sustentável”,

pergunta Lepargneur. Ora, a VR só logrará ser parceira ativa desse projeto ainda por vir, se e na medida em que todo o aparato médico-hospitalar, do qual os hospitais religiosos fazem parte, se voltar efetivamente para todos os cidadãos². A lei que está no papel em quase todos os países é democrática e cidadã, mas é desmentida pela prática realmente existente, em virtude do colapso de força imposto pela medicina neoliberal de estilo norte-americano.

Ou, passando a uma outra instituição na qual a VR exerceu enorme papel social no século XX, a educação. A Associação de Educação Católica do Brasil (AEC) discutiu longamente o significado da solidariedade³ para a escola católica sitiada pelas novas políticas que vêm do governo e tornam a escola uma área entregue à concorrência entre empresas. Em uma tal cultura, só aparentemente aberta e democrática, como poderiam as escolas católicas – quase todas em mãos de religiosos/as – desenvolver uma política inteligente voltada para a inclusão e não para a exclusão dos mais pobres⁴?

Mais no âmbito “ad intra” da VR, A. Murad, marista, se pergunta sobre as implicações da solidariedade para a formação da nova geração de religiosos/as. Murad não se limita a uma dis-

² Como tentativa de resposta temos iniciativas interessantes e válidas, mas que não resolvem o problema de fundo. Uma delas é a “pastoral da criança”, o maior e mais eficiente programa brasileiro de assistência à saúde da criança e da mãe. Mais de 2 milhões de crianças são atingidas pelo programa, de iniciativa da Igreja Católica do Brasil, sustentado, em boa parte, por religiosas que atuam junto ao povo e fora dos hospitais convencionais.

³ Valle, Edênio, A cultura da solidariedade: uma reflexão desde a educação católica, em: XVI Congresso Nacional de Educação. *Escola e Solidariedade. Praticando a inclusão*, Cadernos da AEC do Brasil, 1998, Caderno 77, p. 7 – 34. No artigo de Marcello Azevedo de Carvalho, citado na nota 1, esse tema é refletido no contexto mais específico da VR.

⁴ Também nesse campo conhecemos uma série de experiências interessantes que traduzem uma maneira nova de religiosos/as e leigos/as educadores atenderem preferencialmente as massas populares educacionalmente desassistidas. Um bom exemplo são as conhecidas Escolas de “Fé e Alegria”.

cussão apenas pedagógica. Concentra-se é na espiritualidade que deve alimentar o processo formativo das vocações que nos chegam já marcadas pela cultura da pós-modernidade de que, à primeira vista, parecem ser filhas, e por isto, se mostram afeitos a uma percepção individualista de seu ideal religioso e, aparentemente, desinteressadas do que diz respeito ao bem de todos, isto é, do que é político. Para Murad, os caminhos que levam a uma presença solidária da VR no mundo como esse, exige uma espiritualidade *"ousada e arriscada"*, que reanime os cansados, que compreenda que estamos ante um paradigma novo, e que invista em projetos comunitários criativos e fiéis ao que é fundamento na consagração ao Reino.

1.2. Como as ciências políticas vêm hoje a cidadania

Para ver melhor o uso e significado da palavra "cidadania" em sua acepção profana segui o mesmo método de pesquisar em revistas e publicações dos anos 90. Verifiquei algo bem semelhante ao encontrado no âmbito da VR. O vocábulo "cidadania" ganhou relevância só muito recentemente. Ele é velho de mais de dois séculos, como sabemos, mas seu reaparecimento enquanto conceito político, parece ter sido fruto do vazio deixado pela decadência dos socialismos reais. É nesse vácuo que ele ressurge, saudado com naturalidade pela direita, mas olhado com desconfiança pelos que vêm de uma visão de esquerda latino-americana. Em geral, a

palavra é usada em conjunto com conceitos como "sociedade civil organizada", "solidariedade", "voluntariado", "terceiro setor", etc. O uso do vocábulo dificilmente esconde esse caráter substitutivo e não escapa às limitações daí decorrentes. Todos os que o utilizam, para lá da ideologia política que adotam, têm certa dificuldade em contextualizar bem o significado histórico do conceito. Por ocasião da redação da nova Constituição brasileira, após os 20 anos de ditadura militar, os grandes jornais insistiam sobre a importância da cidadania na construção da democracia. Os políticos – interessante que independentemente de sua orientação ideológica – encontraram nesse conceito uma espécie de denominador comum. Meio da noite para o dia a palavra começou a circular, entrando também no vocabulário da Igreja. Mas a palavra, enquanto tal, costuma lembrar menos o *"citoyen"* da velha França do que o *"citizen"* da democracia de corte norte-americano, com tudo o que essa implica. Para mim, no entanto, a cidadania deve ser uma decorrência da busca de uma forma latino-americana de democratização de nossas sociedades. Como diz uma especialista brasileira⁵ *"podemos dizer que não existe democracia sem o exercício da cidadania e que é o exercício da cidadania que amplia, aprofunda e recria a democracia. A reconceitualização prática da democracia parece central na busca estratégica da construção de uma ordem social que parta da e se expresse na vida cotidiana das pessoas"*.

⁵ Gouvêa, Maria das Graças. Serviço Social: que cidadania buscamos? Em: *Serviço Social e Realidade* (Unesp-Franca), 1996, No. 6, p. 33

Em Ciências Políticas a palavra quase não tinha curso. Eis um exemplo convincente da validade dessa minha observação. O famoso Dicionário de Política de N. Bobbio⁶ não registra o verbete enquanto tal. Fala de “cidade”, mas ignora os vocábulos “cidadão” e “cidadania”. No entanto, é extremamente fácil o leitor perceber que inúmeros outros conceitos registrados no minucioso dicionário italiano se referem exatamente ao que hoje chamamos de “cidadania”. Listo três deles: “sociedade civil”, “solidariedade”, “polis”. Vejamos isto um pouco mais de perto, pois esse passeio nos ajudará na segunda parte do artigo, quando falaremos de espiritualidade da cidadania na VR.

Sabemos que a questão da cidadania é tratada por grandes filósofos do passado. Rousseau, na França, Hobbes na Inglaterra e Hegel na Alemanha falam dela, direta e indiretamente, mencionando as raízes gregas do conceito, mas atualizando-o para a realidade da Europa de seu tempo. Marx e Gramsci o retomaram na fase do surgimento da sociedade industrial, desde o viés de sua dialética materialista, mas com ênfases diferentes. O filósofo comunista viu a cidadania desde a perspectiva da economia e da revolução, no quadro da luta de classes. Nessa ótica, com o fim do socialismo real, o conceito perdeu a carga simbólica que o colocou no centro dos conflitos ideológicos do século que expirou.. Parece-me que Gramsci por sua ênfase na cultura popular, já permite perceber que o conceito não pode ser associado a uma visão que só considera seu possível

lado alienante no processo cultural, social, econômico e político.

Depois dos anos 80, no bojo da crítica pós-moderna ao capitalismo e ao socialismo, a palavra cidadania começou não apenas a voltar, como a ter maior densidade. Hoje o vejo sendo usado em dois sentidos distintos e, na prática, até opostos. Há quem o use em um prisma funcionalista, aliás muito freqüente em nossos grandes jornais e no discurso governamental em geral. Aí a cidadania é percebida dentro do sistema, como sendo uma parte de um todo social e político maior, ao qual se adapta funcionalmente. As mudanças sociais e culturais experimentadas com a globalização têm nesse conceito uma espécie de contrapeso, na medida em que ele lembra os direitos sociais de todos e a necessidade de uma participação mais plena de todos. Sem uma cidadania exercida por todos – eis um slogan de nossos dias – não pode existir uma sociedade democrática. Caminhando nessa direção, começa-se a fazer uma útil distinção entre a “*sociedade política*”, juridicamente constituída, com os três poderes clássicos, e a “*sociedade civil*”, gerida pelos cidadãos e suas associações, em contraposição aos aparatos de Estado. A acepção mais generalizada de cidadania vai é nessa direção.

O que está em jogo aqui é o exercício dos direitos civis, políticos e sociais, sem a tutela do Estado. Tenta-se passar dos dois extremos que caracterizavam a disputa até os anos 80 (o individualismo e o coletivismo) para uma posição que defende um protagonismo direto das pessoas e dos grupos na de-

⁶ Cf. Bobbio, N., Matteucci, N. e Paquino G. (eds.). *Dicionário de Política*, Editora Universitária de Brasília, Brasília, 1986

finição das coisas públicas. Propõe-se que os cidadãos possam controlar, decidir e intervir de modo direto no que é de seu interesse. Quer-se o fim dessa espécie de desconfiança que os poderes constituídos costumam ter em relação aos cidadãos em geral. Quer-se uma sociedade interativa e propositiva, organizada de modo solidário e participativo. Não se aceita o Estado controlador das ditaduras de direita ou de esquerda. O assistencialismo do Estado e o populismo demagógico são vistos como não desejáveis – embora continuem presentes e sejam uma tentação permanente.

Levando adiante essa linha de raciocínio são já muitos os que vêm como sua meta ideal a constituição de um sociedade latino-americana pluralista, multi-cultural, tecnologicamente avançada e auto-sustentável. Ou seja, uma sociedade de cidadãos/ãs livres e atuantes. Sabemos por experiência direta que uma tal sociedade não surgirá por geração espontânea. Existem como obstáculos à sua constituição o poder econômico transnacionalizado e o consumismo imposto pela mídia e pelo mercado. Mas, mesmo que a palavra cidadania seja esvaziada e obstaculizada, ela expressa hoje a linha de ação que interessa aos que querem avançar como sujeitos em direção a uma utopia de vida plena para todos.

2. Espiritualidade da VR e vida cidadã

Nesse sentido a cidadania para nós religiosos/as está associada a alguns elementos básicos que vejo em conso-

nância com a nova consciência que a VR tem hoje de si e de sua função na sociedade. Primeiro, que a cidadania está intrinsecamente ligada aos movimentos sociais que transformam a mera consciência dos direitos em prática efetiva dos mesmos. Nisto se vê melhor que ela é algo historicamente constituído, através de lutas e fracassos históricos dos quais a VR foi e continua sendo parte. Segundo, que a essa experiência concreta de uma VR solidária com pessoas em movimento, se agrega cumulativamente a consciência de que existe a necessidade de uma mística cuja síntese, para nós cristãos, se resume na missão mesma de Jesus que veio para trazer vida e vida plena para todos, em uma sociedade de irmãos (Jo 10,10). Terceiro, finalmente, que a concretização de tal sociedade de cidadãos/ãs supõe uma estratégia de transformação social capaz de estabelecer um nexo entre as dimensões da cultura, da espiritualidade e da política. Tal processo, politicamente falando, só se fará através da incorporação de algumas características da sociedade contemporânea, tais como “*o papel das subjetividades, a emergência de sujeitos sociais e de direitos de tipo novo, a ampliação do espaço da política. É uma estratégia que reconhece, enfatiza o caráter intrínseco e constitutivo da transformação cultural para a construção da democracia*”⁷.

2.1. Direitos de cidadania como apelo à conversão da VR

Construindo sobre a base de um exame de consciência levado a cabo por

⁷ Cf. Dagnino, Evelina (Org.). A trajetória dos movimentos sociais. Em: *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo. Brasiliense, 1994, p. 2.

João Paulo II em vários documentos sobre a passagem do milênio, a Igreja Católica do Brasil e com ela, a VR brasileira, sabem que a cidadania de que aqui falamos é fruto de um sistema indelevelmente marcado por uma divisão social na qual a Igreja teve e tem parte. O Ano Santo foi, nesse contexto, uma chamada à conversão pela via da reconciliação.

Especialmente em países de colonização católica persistem divisões sociais que expressam conflitos de base étnica, econômica e política extremamente perversos. O neoliberalismo, assim como ele se prospecta, não se interessa em solucionar esses nós históricos que tornam impossível a prática democrática e cidadã nos três níveis básicos que a Igreja do Brasil⁸, operacionalizando o sugerido pelo Papa João Paulo II, aponta como normativos nessa passagem de século: o dos direitos civis, o dos direitos sociais e os dos direitos econômicos.

Em cada uma dessas três esferas havia um convite a VR para tomar consciência de sua *"diaconia"* histórica no seio do hoje de nosso povo e para redescobrir que tudo isto tem a ver com um *"serviço evangelizador"* calcado sobretudo na cidadania e na constituição da democracia no Brasil. Escrevem nesse sentido os Bispos do Brasil: *'As atividades propostas de serviço e participação... estão centradas em torno dos eixos da conquista da cidadania e da construção da democracia. A cidadania almejada se concretiza na conquista dos direitos civis (vida, integridade, liberdade, segurança); direitos*

sociais (educação, saúde, cultura, formação, meio ambiente); direitos econômicos (terra, alimento, trabalho, moradia).

Obedecendo ao que o Papa e os Bispos nos pediam, entre os anos de 1997 e 1999, nós religiosos/as revimos nosso papel no campo dos *"direitos civis"* (1997), ou seja, no que diz respeito ao direito das pessoas à vida, à integridade física, à liberdade, à igualdade perante a lei e, portanto, ao direito a não serem coagidas por nenhuma forma de violência injusta. Essa temática tomou corpo no exercício quaresmal da Igreja do Brasil, chamado *"Campanha da Fraternidade"*. Naquele ano nos perguntamos sobre os direitos dos que vivem nas prisões do Brasil, em condições sub-humanas. No ano seguinte, 1998, nos preocupamos com os *"direitos sociais"*, que visam garantir à pessoa sua inserção na sociedade, através da preservação da cultura de origem, da informação, da defesa do meio ambiente, da educação e da saúde. Dando um passo avante, em 1999, o objeto de nossa atenção coletiva foram os *"direitos econômicos"*. Nossa convivência com o povo dos bairros pobres e das pequenas cidades do interior nos revelou carências econômicas das quais a segurança da VR nos preserva quase inteiramente. Agora temos uma consciência qualitativamente diferente, inquietante eu diria, dessas necessidades que dependem fundamentalmente das decisões que os grandes tomam no nível da macroeconomia. Falo do impacto que elas têm sobre o que é básico na vida cotidiana (alimen-

⁸ *Rumo ao novo milênio. Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Grande Jubileu do ano 2000. Documentos da CNBB, No. 56, São Paulo, Paulinas, 1996.*

tação, moradia e trabalho). Nos últimos dois anos, as grandes conferências internacionais sobre esses assuntos (em Dallas, em Gênova e em Durban, por exemplo) mostraram que os militantes dos novos movimentos sociais europeus e norte-americanos sentem em primeira pessoa que a atual economia mundial não vai resolver esses problemas que são do dia a dia de quase metade da população mundial.

A questão para a VR latino-americana não está resolvida com nossa mera solidariedade com os jovens generosos e suas ONGs, que enfrentaram a violência de policiais extremamente apetrechados, para afirmar o direito desses povos excluídos à vida. Nós, à luz da opção preferencial pelos pobres, precisamos ir mais fundo em nossa resposta. Mas, como? Por onde? Seguramente dando sequência às opções que fizemos nos anos pós-medellianos, talvez com maior dose de realismo e senso crítico. Mas cabe a pergunta: não estaremos, acaso, nos acomodando e retornando ao estilo de uma classe média preocupada, sim, com os pobres, mas ciosas também da salvaguarda do que é seu?

2.2. Caminhos de uma espiritualidade cidadã

Num artigo recente falei de uma sede de espiritualidade que me parece despontar na América Latina nesse início de século⁹ com repercussões na Vida Religiosa. Trata-se da passagem – ainda entre nebulosas – de um projeto de vida individual e consumista que se ba-

seia no “*eu tenho*” a outro que se baseia no “*eu sou*”; este é o ponto central de referência. Esse movimento se revela nas “novas religiões” e nos modernismos orientais. São abundantes na chamada literatura de ajuda. Algumas das vertentes desse movimento – muito saudáveis por sinal – são a ecologia e o ecofeminismo. Com a consciência ecológica descobre-se que todos formamos parte de um organismo maior, de um todo que pulsa e vive. Por isso mesmo, “*temos que fazer o que está ao nosso alcance para encontrar os caminhos de um mundo mais humano, justo e acolhedor. Uma espécie de solidariedade cósmica, com uma nova sensibilidade, respeito à vida, que se inicia em pequenos gestos cotidianos e que vai vencendo a indiferença pela dor dos outros*”.¹⁰ O pequeno passa a ter um peso específico próprio; a ação local se projeta no pensamento global. Deixa-se a lógica linear, tão típica do socialismo real, com seu voluntarismo determinista e se passa para a lógica da “rede”, da interdependência, da diversificação dos sujeitos, na horizontalidade da cooperação mais que na verticalidade das organizações hierarquizadas.

Há um novo paradigma que está emergindo. Nele retorna a sedução pelo sagrado, que não estava prevista pelos sociólogos da modernidade. A ambigüidade deste fenômeno mundial representa para a Igreja e para a Vida Religiosa “*um novo e diferente trabalho de aproximação da atraente men-*

⁹ Cf. Valle, Edênio. The process of Religious Life in Brazil: a Balance. Em: *Social Compass*, 48 (2), 2001, 237-248.

¹⁰ Cf. Dias, Rosinha B., A alegria no seguimento de Jesus nas cidades. Reflexão sobre VR, cultura urbana moderna e evangelização. Em: *Convergência*, 32, 1999, No 308, p. 628.

sagem de Jesus”¹¹. ‘A essa sede de sentido e de significado a Vida Religiosa necessita dar uma resposta, resposta que ela possui, mas, ainda não acerta a expressar de modo adequado. Esta é a interpelação que o presente momento histórico coloca para a Vida Religiosa da América Latina, sem excluir as que aparecem na preocupação por uma cidadania consciente nas palavras programáticas: libertação, inculturação e inserção. O perigo está no fato de que a necessária potenciação e aprofundamento desse anelo místico seja vista como incompatível com a implicação profética, com a transformação necessária para que todos tenham vida e a tenham em abundância. O esforço de síntese exigido pelo momento presente tem algumas linhas de força (tendências) e trocas já parcialmente delineadas. Todas elas têm a ver com a descoberta da cidadania como tarefa e como fonte de inspiração espiritual.

Trocas que não se devem ver como um “aut – aut”, e sim como um “et – et”. São ao mesmo tempo uma novidade e uma provocação dialética. São passagem e são matriz. Têm uma dimensão essencialmente espiritual que vem da linfa viva de nosso passado mas que deve ser resposta às buscas e ânsias da geração atual de religiosos/as.

Um jovem e promissor teólogo brasileiro¹² aponta algumas dessas mudanças de ótica, de sensibilidade e de práxis que já começam a perceber-se no âmbito das comunidades e das pessoas. São movimentos centrados na vida que colocam o acento na subjeti-

vidade, na agradável intensidade da vida, no cotidiano mais iminente. Como também o movimento pela cidadania se preocupa com os mesmos objetivos, existe uma certa compenetração entre ambos. Trata-se portanto de algo em processo, de algo que necessita ser discernido pelos critérios fundantes do carisma e da espiritualidade de nossa vocação à santidade e da missão:

- da alegria e da coragem de êxodo do pós-Medellín, passamos a uma situação de receios e vacilações. Estamos sentados nas margens dos rios da Babilônia, necessitados de uma profunda purificação das motivações que nos levam a crer e a apostar pela vida;
- do sonho da grande libertação passamos às pequenas libertações que aparentemente não tocam ao poder constituído que golpeia a fragilidade de nossas forças e projetos;
- do mito da revolução que troca, da noite para o dia, o destino de um povo, passamos a uma penosa luta para poder conseguir concessões negociadas com os que controlam o mundo em uma espécie de “kénosis” social;
- do político entendido em seu sentido militante passamos ao político cultural, com a mediação do descobrimento cotidiano da identidade cultural do negro, da mulher, do indígena, em fim, do povo, que nos obriga a uma maior identificação com a história, com os valores e lutas que devemos afrontar sem pretender impor nossos parâmetros ide-

¹¹ Ibidem, p. 628.

¹² Maçaneiro, Marcial. Espiritualidade e novos paradigmas. Em: *Convergência*, 32, 1997, no. 304, p. 365.

ológicos e políticos. O que, à boca cheia, se dizia nos anos 70 —“os pobres nos evangelizam”— hoje se proclama com muito mais realismo evangélico. Este enfoque “*une libération e inculturação, purificando a práxis de equívocos e possibilitando novas iniciativas... estimula-se (quase) uma cultura de solidariedade e da ação cidadã (circunstancial) como estratégia de inserção e influência na organização da polis (ordem política)*”¹³;

- da valorização exclusiva do “logos” estamos passando a um reconhecimento, ainda, preliminar do “eros”;
- do voluntarismo da razão instrumental (Habermas) estamos indo ao encanto e ao desejo do “mundo da vida” (Habermas), onde o espaço para a criatividade, do simbólico, da festa e da beleza é amplo e aberto. Como disse Maçaneiro, na espiritualidade religiosa que desponta neste fim de século “os erros tornam-se um lugar do Espírito, que educa nosso desejo na direção do bem e da verdade”¹⁴;
- da paz concebida como conquista nossa, passamos à paz como dom que se constrói na interação e na comunhão com tudo que está vivo e anela pela vida (ecologia com holismo; espiritualidade com mistagogia; solidariedade, com ternura; peregrinação com afirmação de uma justiça pela força intrínseca da paciência e da esperança).

3. A utopia de uma Vida Religiosa centrada na vida

Há hoje um grupo expressivo de religiosas teólogas que caminham na direção antes indicada. Para elas a temática da vida é um dos elementos definidores da Vida Religiosa em sua concretude. A primeira fonte da intuição espiritual dessa teologia me parece estar na própria experiência das teólogas enquanto mulheres e enquanto consagradas comprometidas na passagem da morte para a vida. A jovem teóloga brasileira Ivoni Fritzen¹⁵ vai mais longe. Deixando observações casuais ela intenta ampliar e sistematizar uma frase audaz da teóloga coreana Chung Hyug Kyung para que “*no futuro a espiritualidade e a teologia se moverão do Cristo-centrismo para a vida-centrismo*”. Fritzen se pergunta sobre o que seria uma Vida Religiosa “vidacêntrica”, que considerasse “*o ser humano em suas necessidades, desejos e relações mais práticas e concretas o comer, trabalhar, relacionar-se com outras pessoas, lutar e crer, intentar sobreviver, pois a vida está ameaçada em si, no mundo que a rodeia e na grande dor... (está submetida ao poder da morte, pois é morte) viver sem pão e sem nada para sustentar-se, sem participação e excluído de tudo*”.

Dai resulta uma espiritualidade atravessada por um toque de ternura feminina, que seguramente faltava nas formulações androcêntricas das teologias da Vida Religiosa inspiradas numa visão de libertação apenas parcial. Sua

¹³ Ibidem, p. 365.

¹⁴ Idem, ibidem.

¹⁵ Cf. Fritzen, Ivoni, L., A experiência religiosa feminina do mistério de Deus, em: “Convergência”, 29, 1994, no. 277, p.547. Também: Deus: és o Tudo. A experiência religiosa cristã na perspectiva franciscariana, Tese de Mestrado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2000.

preocupação é com os meios e condições concretas de uma vida digna e plena para todos os filhos/as de Deus e não com sentimentos abstratos. Por isso, ela não se cala diante da exclusão provocada pelo neoliberalismo, nem pode resignar-se diante do esquecido, dos pobres que parece está impondo-se nos altos níveis da política. Nesse sentido, essa espiritualidade não pode prescindir da vida cidadã. Telegraficamente aponto outros pensamentos que vêm freqüentemente presentes em textos mais recentes de nossas teólogas e teólogos mais jovens:

- é uma teologia que pretende restaurar a dignidade do corpo do homem e da mulher porque crê que eles são templos do Espírito e que ressuscitarão para uma vida plena. Nesta mesma linha, ela defende a unidade do corpo-espírito na diversidade de raças (anti-racismo) e nas relações entre os gêneros (anti-machismo);
- é uma teologia que supõe que cada sujeito – homem ou mulher – se encontra, relacionando-se em condições de igualdade plena, cada um/uma fazendo uso de sua própria palavra, reconhecendo-se como *partners* na construção e defesa da vida, como sujeitos de direitos dentro e fora da Igreja;
- é uma teologia centrada em comunidades de vida e missão que assumem consciente e livremente empenhos geradores de mais vida, pois a vida só é vida quando é compartilhada e semeada, quando dá sentido à Missão que o grupo assume como vocação e realiza como expressão do seu ser-fecundos-para-o-Reino e não só como exterioridade e produção;

- ela pronuncia sua palavra desde a Palavra de Deus, ouvida na Bíblia e na vida, no que gera nela a liberdade criativa dos filhos/as de Deus e na exploração ou abuso de poder;
- por ser uma teologia a partir da Vida e para a Vida, ela abarca e faz sua a grande utopia da justiça e da liberdade que palpita no coração da história sem chegar a ser realidade nunca;
- compreende-se a si mesma na linha da “amorização” (Teilhard) que lança toda a criação em direção ao ponto Ômega, meta de uma evolução que Deus colocou no primeiro sopro de vida e que chegará a sua plenitude na parusia do Ressuscitado;
- a Vida Religiosa que se inspira nessa teologia centrada na vida se traduz no “modo-de-ser-do-cuidado” e não de exploração da natureza e das criaturas;
- ela exige uma Vida Religiosa de contemplação/ação, atenta aos “sinais dos tempos” (João XXIII) e às “provocações do Espírito” (João Paulo II). É por isso intrinsecamente pneumática e escatológica: é “vida segundo o Espírito” e é vida que constrói o Reino;
- Finalmente, ela cultiva, em diálogo com todos os povos e culturas, com todas as religiões e filosofias, uma postura ética e política orientada para a construção de uma humanidade reconciliada com a natureza e com o cosmos, ou seja, mais cheia da Vida de Deus escondida e revelada no mistério de Deus Uno e Trino que nos criou a sua imagem e semelhança.

Endereço do autor:
 Rua do Verbo Divino, 993
 04719-001 – São Paulo – SP

NICOLA MASI

O início

Tinha decidido ir morar na periferia de Belém/PA, na “Baixada” do Marco, situada em cima de pântanos e de esgotos da cidade.

O mal cheiro parecia insuportável, sobretudo quando o calor superava os 30 graus. A umidade, na estação das chuvas chegava a 90, até a 98 %. Moravam lá cerca de 30.000 pessoas sobre palafitas, coligadas por uma teia de aranha de pequenas pontes instáveis e muitas vezes podres.

Um ano depois vieram as Irmãs Xaverianas para fazer a mesma experiência.

Viver em tal situação parecia absurdo e desumano. Nos perguntamos o que poderíamos fazer. A resposta foi que deveríamos reproduzir Jesus nos seus primeiros trinta anos de vida quando Ele *“veio entre nós” e ficou entre nós*. Nós também teríamos ficado com o povo, solidários com ele, mostrando que Deus o ama, partilha o seu sofrimento e denuncia aquela sociedade que produz esta espécie de sub-vida.

Depois, nos conhecendo melhor, nos amando, sofrendo juntos, *chegamos a decidir, juntos, muitas iniciativas*. Construímos cinco centros comunitários, discurtimos, oramos, organizamos comissões de pressão para conseguir água, luz, pontes, estradas, escola. Nos demos conta de que o Evangelho não tinha acabado, pelo contrário, começava a dar “Boas Notícias” também a nós, os esquecidos da sociedade.

Um pequeno grupo começava, a custo, certo, a ser Evangelho-bom notícia para os outros. A maioria continuava inerte e pesada, mas pequenos grupos começavam a arranhar a massa, se tornando caminho de esperança.

Nos demos conta de que o nosso modo de pensar estava mudando. Nos questionávamos sobre tantas coisas, sobretudo se era justa uma vida tão desumana, se tudo isso era quisto por Deus ou se Deus pensasse diferente.

Lendo a Bíblia apareciam claras duas atitudes de Deus: o fato de ele se apresentar como o Deus “santo”, o separado, o totalmente outro, mas contemporaneamente como o “Deus-conosco”, o Emanuel, aquele que “vê, escuta o clamor do povo e desce para libertá-lo” (Ex 3,7), aquele que arma a tenda entre nós, se faz carne como nós.

Ao longo da história muitos ficaram fascinados por estas duas atitudes. Por isso a vida religiosa muitas vezes foi entendida como separação, fuga do mundo, em total consagração ao Deus transcendente. Hoje, por parte de muitos, se percebe mais viva e urgente a necessidade de mostrar a um mundo em grande parte desesperado, a presença do “Deus-conosco”, do Cristo feito carne, que aprende a língua dos homens e se torna companheiro de caminho dos discípulos desanimados de Emaús, parte o pão com eles e manda chamar cegos, surdos, coxos, convidando-os ao banquete do Pai.

Aprendemos que o outro, o diferente, foi inventado por Deus.

Mais do que nunca experimentávamos a necessidade de rever o nosso mundo e os nossos esquemas mentais. Nos dávamos conta que o eu, sozinho, está perdido, em quanto que os outros são a nossa riqueza. A sociedade esmaga o outro, pois o enxerga como um adversário ou um possível concorrente. Aprendemos que o outro, o diferente, foi inventado por Deus. Todo o sentido da Bíblia está aqui:

- A CRIAÇÃO diz que Deus, mesmo sendo o tudo, mesmo não precisando de ninguém, QUER QUE O OUTRO EXISTA.
- A ENCARNAÇÃO diz que não somente Deus quer que o outro exista, mas ama tanto o outro que SE TORNA O OUTRO.
- A RESSURREIÇÃO diz que se alguém pretender oprimir e destruir o outro, o faria em vão, pois DEUS O FARÁ RESSUSCITAR.

Estes três grandes capítulos da Bíblia se tornaram paulatinamente a certeza e o respiro da nossa história. Nós, os deserdados da terra, sabemos então que somos os herdeiros do Pai, aqueles a quem Ele oferece o Reino. Aos nossos irmãos desanimados, às vezes desesperados, queremos levar esta certeza, dividindo, como fez o Cristo, a sua vida e o seu destino.

Este é o sentido da nossa "inserção". É continuação aqui e hoje da Encarnação de Cristo. Expressa uma paixão profunda pelo Pai e o seu Projeto e uma idêntica paixão para com seus filhos, em particular pelos mais marginalizados. Não por ideologia, não por fuga,

não à caça de novidades e de aventuras, mas "à maneira de Jesus" e conduzidos pelo seu Espírito, num gesto de amor pelos pobres.

Procuramos, portanto, estudar a mística de Jesus Cristo. Intuíamos que a nossa espiritualidade só seria autêntica, se tivesse reproduzido e continuado a espiritualidade dele.

Descobrimos na existência de Cristo *três pontos-força* e nos demos conta que estes três elementos característicos deviam ser como que *as colunas portantes da vida de cada comunidade inserida no mundo dos pobres*: a paixão pelo Pai, a paixão pelo homem, o seu método eclesial.

as nossas raízes e nossa identidade

O Pai e Jesus são uma coisa só. Nunca Jesus cessa de morar "no coração do Pai". Tudo o que ele faz é manifestação da realidade, da vida, do amor do Pai. Ele é revelação do Pai. Cristo é apaixonado pelo Pai. As multidões não o deixam livre por um instante só, então ele rouba o tempo ao sono para ficar a sós com o Pai. O Pai é o seu centro, o seu tudo. Para fazer a vontade dele Jesus está disposto até a dar a vida. O sentido da vida de Cristo é se sentir enviado pelo Pai ao mundo, e caminho dos homens ao Pai.

Para uma comunidade inserida é o mesmo. Se ela tem outras raízes fora da fé, do amor, da comunhão com o Pai, perde o seu sentido e a sua identidade.

A comunidade inserida não entra no meio do povo por motivos ideológicos ou por interesses de partido, mas para reviver em si e, portanto, expressar o Deus do Êxodo (3,7: "Eu vi, ouvi, desci") e o Pai de Jesus de Nazaré (Jo

16,24: "O Pai vos ama"; Jo 3,16: "Deus amou tanto os homens que deu o seu Filho único"; Jo 3,17: "Deus não enviou seu Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo fosse salvo por ele").

que quer dizer entrar nas baixadas

O segundo ponto-força de Cristo é a sua decisão de se fazer "carne". Ele começa a "fazer parte" da raça, da cultura, do sofrimento de um povo. A sua pátria é contemporaneamente Deus e o homem.

O amor ao Pai o empurra a dar a vida. Por amor aos homens está disposto a trocar a sua condição de Filho por condição de escravo: por isso lava os pés dos discípulos, não tem tempo nem para comer, se deixa comer pelas multidões. Não possui nem uma pedra como travesseiro; não possui casa própria. Não possui nem uma cama para morrer, mas somente um pedaço de madeira, fora da cidade, à maneira dos malfeitores.

Uma comunidade inserida quer repetir a mesma atitude. Ela opera, antes de mais nada, um "deslocamento geográfico": sair do centro para entrar na periferia; deixar "o palácio" para habitar nas palafitas com o povo.

Mas uma inserção puramente geográfica é insuficiente. Precisa entrar numa "simpatia" profunda com o povo, entrar na sua cabeça e no seu coração: *reviver em si o que ela sente, o que ela sofre, o que ela deseja.*

Há o perigo de falar sem viver. Os pobres podem até se tornar elemento decorativo da comunidade. Não é a mesma coisa se entusiasmar pela escola dos pobres e vivê-la. De longe, os pobres podem ser maravilhosos; de

perto, aparecem todos os seus defeitos, os seus limites. Eles devem ser amados não porque melhores, mais simpáticos, mais generosos do que os ricos. Isso nem sempre corresponde à verdade. Mas eles merecem o nosso amor e a nossa preferência pois, mesmo sendo filhos do mesmo Pai, são, de fato, colocados de lado, espoliados, objeto de injustiça por parte dos outros irmãos. E é neles que estão colocadas as esperanças do Pai para a construção do seu Reino.

Uma comunidade inserida está lá, também, *para ajudar a mudar "efetivamente" a realidade existente.* Uma ética que não muda nada deve ser mudada. Uma Congregação que não muda nada deve ser mudada. Uma comunidade inserida que não muda nada deve ser mudada.

Ora, transforma-se a realidade "agindo". Não é suficiente pensar, desejar ou somente falar. As boas intenções não bastam. É necessário mudar mentalidade e lugar social. Exige-se ser *críticos* em relação à mentalidade dominante e de *operar* para uma libertação efetiva frente a uma sociedade que escraviza.

Decidimos, portanto, que a nossa comunidade deveria apoiar os nossos irmãos da baixada toda vez que lutavam por pão, casa, escola, posto de saúde, luz, água. Não poderíamos ficar ausentes.

operar juntos para uma mudança

Jesus não age sozinho, não salva sozinho. A salvação é comunhão; é transformação dos dispersos num só povo; é fazer de muitos uma coisa só, no respeito e na autonomia de cada um. Sobre os Doze Jesus quis fundar um povo, o povo novo.

Os Doze são um grupo heterogêneo,

que, porém, deve ser “amalgamado” (“um só coração e uma só alma”) ao redor de Cristo. Entre eles há asperezas e incompreensões: procuram os primeiros lugares, se deixam levar pela inveja e pela raiva, se deixam condicionar pelo medo, expulsam as crianças, pretendem que o cego de Jericó se cale. Porém, ao redor de Cristo tentarão mudar, se deixarão plasmar por ele, pela sua palavra, pelo seu exemplo. E, como ele, estarão dispostos a dar a vida pelos outros.

Uma comunidade inserida tentará reviver o que Cristo fez viver ao seu grupo: a paixão pelo Pai e a paixão pelos pobres. Ela se converte junto, vive junto, evangeliza junto. Ela realiza em si mesma pequenos ensaios-antecipação-manifestação do Reino. Uma comunidade não convertida ao Pai e aos pequenos não conseguirá converter ninguém. Nela o perdão é total, a acolhida é total, a convivência é total, pelo menos como tensão (de fato os resultados nem sempre foram entusiasmantes nem nos próprios apóstolos).

Uma comunidade inserida *não é um oásis* em que os membros gozam de uma profunda paz e só pensam em sua própria felicidade. Não se constrói um poço em função de si próprio; ele existe só em função dos outros; é para matar a sede dos outros.

Amor efetivo aos últimos e defesa forte e carinhosa dos pequenos. Amor que foge do paternalismo, que quer fazer tudo, mas deixa o povo em situação infantil; amor que foge do poder e da procura do prestígio, que transformam o povo em puro executor. Amor que se transforma em fermento, para fazer que o povo ande e ande, com os seus próprios pés. A passos pequenos, mas significativos, feitos juntos, para operar uma mudança concreta e real, uma saída eficaz do Egito, quem quer que ele seja, e uma entrada progressiva na terra prometida.

Endereço do autor:

Cx. Postal 10

68440-000 Abaetetuba/PA

Tel (091) 3751-1088 – Fax (091) 3751-1883

E-mail: nicmasi@ligbr.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 Quais os principais traços da experiência de inserção descrita no texto?
- 2 Como essa experiência questiona a Vida Religiosa do Brasil hoje?
- 3 Como colaborar para que a Vida Religiosa assuma cada vez mais sua dimensão profética e sua missão entre os excluídos?

Refundação Já!

CARLOS PALMÉS, S.J.

As idéias já estão claras:

Passemos à prática.

Até agora foram escritos alguns livros e dezenas e centenas de artigos sobre a REFUNDAÇÃO. Nem todos estão de acordo com o uso desta palavra e propõem substituí-la por outra mais apropriada, mas há uma admirável unanimidade quanto ao conteúdo substancial do que se quer dizer. Já não basta uma mudança nas formas superficiais, não basta pintar a fachada de outra cor, mas é preciso ir aos alicerces, aos fundamentos em que se apóia toda a vida consagrada.¹ Já se passaram 36 anos desde o Concílio e mudanças profundas aconteceram. Porém alguns permaneceram no meio do caminho.

Não temos mais que nos deter em discussões teóricas. Este é um clamor universal de todos nós que sentimos que é preciso pôr todo nosso empenho em levar à vida prática o que já está suficientemente claro. Na palavra “refundação”, a última sílaba “ÇÃO” indica ação, movimento, realização, passar da declaração de princípios à prática. “Quem escuta minhas palavras

e as põe em prática é como o homem prudente que edifica sobre pedra” (Mt 7,24).

I. O conteúdo da refundação

Depois de tudo que foi escrito e discutido, é conveniente esclarecer o que queremos dizer ao falar de refundação.

1. Dois possíveis sentidos:

- Às vezes a partícula RE² significa que é necessário trocar ou substituir uma coisa por outra porque a antiga já não serve mais. Seria o caso de re-novar: substituir o velho e pôr no seu lugar algo novo: o re-formar: a forma que tivemos até agora já não satisfaz e é preciso colocar em seu lugar outra diferente; re-formular: a fórmula usada se tornou obsoleta; re-fazer: fazê-lo de novo porque o anterior já não vale; e a expressão mais radical dentro deste capítulo talvez seja revolucionar, quer dizer, provocar uma mudança rápida, violenta e profunda, para tomar outra direção.

Neste sentido, re-fundar significaria substituir os fundamentos que tinha

¹ Refundar é “experimentar Deus como o único Absoluto e relativizar tudo mais”. Refundar significa “voltar seriamente aos fundamentos da vida consagrada e à raiz originária e essencial da mesma” (Maccise). “Os religiosos hão de ser especialistas em cimentos e raízes”. “Averiguar se estamos fundados na pedra (que é Cristo) ou na areia... pede-nos a volta ao essencial” (Arnold). “Uma mudança estrutural séria sem renunciar às suas raízes” (G. Paredes). Martínez Díez, Alvarez Gómez, em *Vida Religiosa*, vol. 82 n.º 4 – Madrid, 1997. Lourenço Kearns, CSsR (Convergência, abril 1999 e 2000 *Refundação da Vida Religiosa*) “Nossa identidade é Cristo como Alfa e Omega de todo o nosso” (Arnold). “Se realmente queremos ter uma grande história para construir, devemos ter a nobreza de voltar ao essencial” (Arnaiz), etc.

² Segundo o Dicionário da Língua Espanhola, o prefixo RE entre outras coisas pode significar negação ou inversão do significado simples, como reprovar; em um sentido semelhante, também oposição ou resistência, como em re-jeitar, re-pugnar. Mas em sentido contrário, também significa repetição, intensificação, como em re-construir, re-carregar, etc.

a vida religiosa para pôr outros em seu lugar. É evidente que não é este o sentido que se quer lhe dar – e talvez o perigo de entendê-lo assim faz com que alguns recusem a expressão –. O fundamento da vida cristã e da vida consagrada é a pessoa de Cristo, tal como afirma Paulo energeticamente: “Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1Cor 3,11).

- O outro sentido do prefixo RE é o contrário: re-afirmar, re-forçar, re-cuperar elementos perdidos ou esquecidos, voltar à intuição inicial, re-construir. Em meio à confusão na reestruturação do edifício, talvez alguns elementos essenciais tenham perdido seu valor e foram considerados como uma das tantas coisas que se precisava ter presentes durante a re-construção, mas não se lhes dava a mesma categoria que a certas novidades que se estavam introduzindo. Agora, ao se falar de refundar, queremos dizer que não só são importantes, senão fundamentais. Refundar é refundamentar, é considerar estes elementos como pertencentes ao “carisma fundante”, sem o qual a vida religiosa não seria a mesma.
- O carisma da vida religiosa é semelhante ao do batismo, que afeta a pessoa em sua totalidade e exige uma entrega incondicional de todas as suas capacidades e energias e sem limite de tempo. É um estado de vida, uma existência totalmente liberada e disponível para Deus, como o único absoluto, e para o Reino de Deus como única missão. Diante disto,

todo o resto se relativiza. Refundar, pois, é reafirmar o fundamental, ir às raízes e aos alicerces, é viver radicalmente (raízes) o caminho de Cristo, é colocar Deus como o único absoluto, é reavivar o fogo coberto de cinzas, é entregar a vida sem condições, é construir estruturas sólidas, é edificar sobre a pedra que é Cristo. Não encontrei um autor que não entendesse assim o sentido de refundação. Nenhum se contenta com novidades superficiais nem com enfoques parciais ou fundamentalistas. Há, pois, unanimidade e clareza no sentido do que se pretende. E é evidente que este segundo significado é o verdadeiro sentido de refundar.

2. As três colunas fundamentais

De concreto, quais são os elementos essenciais que formam os fundamentos da vida religiosa de hoje e de sempre? São aqueles que constituem o núcleo ou carisma essencial de todos os institutos religiosos. Foram se formando e consolidando ao longo da história e não podem ser substituídos por coisa alguma.

São a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão evangelizadora. São como as três pernas de uma mesa; se suprimirmos ou cortarmos uma delas, perde-se a estabilidade e deixa de ser útil. São como as três colunas em que se apóia o edifício, que se assenta, por sua vez, sobre a rocha que é Cristo. Se não se dá a cada um desses elementos a devida importância e proporção, a vida religiosa entra em crise e perde sua identidade.

3. Adaptação ao tempo e lugar

Agora sim, temos que reafirmar estes elementos fundamentais profundamente mudados, com um novo enfoque a partir da missão e tendo em conta a realidade. É preciso dar respostas novas às novas situações. De acordo com uma expressão muitas vezes repetidas pelos diversos autores, não se trata de repetir o que o fundador/a fez, mas fazer o que faria hoje nestas novas circunstâncias. E aqui é onde se requer o dom do discernimento e uma audácia incomum para deixar de lado “tradições” muito queridas que são consideradas intocáveis e que são as que impedem de fato as mudanças necessárias.

A refundação tem dois pés com os quais precisa caminhar: o carisma inicial e a realidade atual na qual é necessário encarnar-se. Não há espiritualidade atemporal ou desencarnada³. A história é a mestra da vida. Os erros que cometemos hoje ao resistirmos às mudanças radicais já foram cometidos pelos nossos antepassados na vida religiosa e tiveram consequências nefastas.

Das 276 ordens religiosas masculinas fundadas desde o século IV até o XX, 177 sobrevivem e 99 desapareceram. O mais comum foi que o ciclo vital de um instituto religioso durou uns 300 anos. Há alguns que perduram depois de muitos séculos, mas são uma exceção. São aqueles que souberam adaptar-se aos diversos tempos e que possuem uma ampla gama de atividades. Por outro lado, os que se concentram numa tarefa precisa têm menos

possibilidades de encontrar um relançamento.

A que se deve a extinção de tantos institutos? Na maioria dos casos, à falta de sentido de sua existência por haver esquecido o núcleo inspirador do carisma inicial ou à falta de adaptação à realidade. Por exemplo, se a necessidade à qual se respondia deixou de ter a importância que teve no princípio, ou se mudou a situação das pessoas às quais se queria servir, ou se eles mesmos, com o tempo, foram se deslocando em direção a outra classe social. Este último caso se dá sobretudo em institutos que têm uma única tarefa específica. Para sobreviver, muitos pretendiam uma volta às fontes, mas alguns se contentaram em reassumir literalmente a regra original e voltaram à austeridade, à observância estrita e aos costumes antigos, com muita vigilância e contínuas advertências dos superiores. Não deu resultado.

Outros voltaram às fontes, buscando a fidelidade ao espírito inicial do núcleo primitivo com criatividade para poder adaptar-se e aprofundando em sua própria experiência. E isso trouxe inovações inéditas e espetaculares, provocando uma nova vitalidade.⁴

II. Melhor “refundação” que “fidelidade criativa”

Depois de esclarecer o conteúdo da refundação, creio que também é bom examinar qual expressão é a mais adequada.

Não pretendo defender a palavra com veemência, mas me parece que expressa melhor o conteúdo com o

³ ARNOLD, Simon Pedro, Refundación, CLAR n., 70 p. 13.

⁴ RAYMOND HOSTIE ; S J, Vida y muerte de las ordenes religiosas.

qual todos estamos de acordo. A palavra “refundar” é uma invenção dos superiores gerais em sua contribuição para o sínodo de vida religiosa; com ela querem expressar que nossa vida religiosa há de recuperar o sentido, a vitalidade e a radicalidade que teve em seus primórdios, e, para isto, não devemos nos entreter em reformas superficiais, mas temos que reafirmar seus FUNDAMENTOS.

Na 54ª Assembléia da USG, dois dos quatro grupos lingüísticos recusavam o termo refundação.⁵ Tenho a impressão de que aqueles que recusavam este termo talvez o fizessem pela ambigüidade do prefixo RE, que pode ter sentidos diversos e ainda contraditórios, como vimos. Porém, depois de esclarecermos seu significado, parece-me mais expressivo que “fidelidade criativa”, porque esta resulta um pouco abstrata. É verdade que ressalta o aspecto da adaptação ou tradução do carisma ao momento atual, mas não deixa claro a quê havemos de ser fiéis: à tradição? Aos ensinamentos da Igreja? Ao Espírito? Ao carisma inicial? Ao fundamento da própria vocação? Às mudanças realizadas? Trata-se precisamente disto, de ver em que temos de pôr a fidelidade. A palavra refundar expressa mais concretamente que se trata de voltar aos fundamentos e revigorá-los.

III. Os inimigos estão dentro

Tendo as idéias tão claras, por que nos custa tanto decidir por uma verdadeira refundação? Penso que é porque não detectamos os inimigos que existem dentro de nós mesmos e de nossos

institutos. Estão agarrados e se apresentam para nós com aparência de bem e de fidelidade à vocação. Enquanto não os descobriremos e os atacarmos, não daremos passos decisivos.

Dois são, a meu ver, os principais inimigos da refundação: algumas tradições do próprio instituto e a mediocridade pessoal ou coletiva.

1. As tradições do instituto

Não falamos de todas as tradições. É admirável o esforço e a sinceridade com que muitas congregações tentam viver hoje seu carisma fundacional e responder às novas necessidades apostólicas. Para isto há reuniões de todo nível, planejamentos, cursinhos, gastos notáveis, etc.; mas a maior parte não pensa em revisar suas tradições, atos de piedade, costumes... que se vão transmitindo desde a fundação como uma preciosa tradição de família que vai passando de geração em geração, e que são consideradas como intocáveis. Pode acontecer conosco o que Jesus repreende nos fariseus: “E disse-lhes ainda: jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição” (Mc 7,9).

Um caso muito freqüente é o referente à vida de oração. Tem-se o costume, estabelecido desde sempre de rezar laudes e vésperas, o rosário, leituras espirituais, devoções marianas, etc, que inclusive estão muitas vezes dentro das constituições.

Deus me livre de ridicularizar ou menosprezar essas tradições! São um tesouro de família que é preciso conservar e enriquecer. A falha está em que

⁵ Desclée de Brouwer 1973 pp 404, 371, 372, 378-9, 376.

em certos institutos de vida ativa, a “vida de oração” reduz-se quase que exclusivamente a isso: essas rezas podem ser um corpo sem alma ou um esqueleto sem carne se não são inspiradas e acompanhadas por uma vida de oração pessoal, prolongada e habitual. Hoje é indispensável uma oração “de coração” de tipo contemplativo que leva não a “saber mais” mas a “saborear” a Palavra de Deus, a “sentir e saborear as coisas internamente”, a estabelecer uma relação de amizade com o Senhor, que me confronta com o Evangelho, que capta minha afetividade profunda, que me transforma interiormente e me leva a uma entrega incondicional ao serviço de Deus e dos irmãos. É preciso chegar a ter, no princípio da vida consagrada, alguma experiência de Deus “violenta”, intensa, que dê o tom para toda a vida. Por outro lado, as práticas de piedade, as rezas... não pertencem ao carisma, mas à espiritualidade, – que é a resposta do carisma aos diversos tempos e culturas. Seguir com as práticas do tempo da fundação pode ser uma infidelidade ao carisma. “Perpetuar no presente os limites do passado seria, pelo menos, infidelidade a nós mesmos e uma volta ao restauracionismo”.⁶

Há institutos que têm em seus documentos lindos conceitos sobre a oração como fonte da vida consagrada e apostólica. Fala-se amplamente de sua importância e necessidade... Mas acontece que nas suas constituições somente se aponta meia hora ou vinte minutos ou nada para ela. É freqüente deixar um tempo entre as laudes e a missa, um

pouco como de recheio entre dois atos importantes. Quando se começa a entrar em contato com Deus, já se passou o tempo. Este tipo de oração geralmente não toca a vida e nem mesmo a transforma.

Há pouco assisti a um capítulo geral de uma congregação feminina de origem italiana. Ela tem já várias províncias no Brasil com um bom número de membros e com muita vitalidade religiosa e apostólica. Como fruto dos exercícios espirituais anuais, introduziram em seus costumes regionais uma hora de oração pessoal diária. Quando se tratou no capítulo o tema da experiência de Deus, as brasileiras defenderam a hora de oração; mas as italianas se opuseram com indignação por ser uma infidelidade às constituições que prescrevem somente meia hora. “É preciso desmistificar e purificar certos “absolutos” que foram introduzidos em nome do fundador” (Lourenço Kearns).

Há muitos anos estou dando exercícios espirituais de diversos tipos: o mês inaciano, oito dias centrados na oração pessoal e em um ambiente de silêncio, de cinco ou seis dias do mesmo estilo, exercícios na vida corrente... Noto uma grande diferença entre aqueles religiosos/as e sacerdotes que têm um hábito sério de oração pessoal, de quem se pode dizer de verdade “são homens ou mulheres de oração”, e aqueles outros que talvez dêem muita importância às rezas vocais, mas que não têm uma oração pessoal capaz de transformar a vida.

Os tempos mudaram

O mundo mudou enormemente e as

⁶ PREZZI, Lorenzo, SCJ, Para una fidelidad creativa, refundar, p. 4.

práticas religiosas em algumas congregações continuam sendo as mesmas, quando muito, com modificações superficiais. Hoje é necessário nadar contra uma corrente impetuosa e precisamos de espíritos robustos e resistentes.

Quando se fundou a congregação talvez houvesse um ambiente profundamente cristão nas famílias e na sociedade, matrimônios estáveis, educação religiosa, frequência de sacramentos, atos piedosos, assistência à missa dominical. As vocações religiosas nascidas neste ambiente eram estáveis e encontravam no convento o ambiente propício para intensificar e aprofundar sua vida de piedade.

Hoje nos encontramos em um mundo invadido pela permissividade, pela relativização de tudo, pelos valores e critérios mundanos, pelo erotismo, pela violência dos meios de comunicação social, pela situação de pobreza injusta das grandes maiorias, pela corrupção, pela globalização, pelo mercado neoliberal... As grandes aspirações da maioria da sociedade são o dinheiro a todo custo, o bem estar material, o prazer, desfrutar da vida a todo custo, o poder para impor e dominar e, nas classes pobres, a obsessão por sobreviver.

Para viver hoje a radicalidade evangélica na vida consagrada em meio deste mundo hostil, são necessárias forças muito mais robustas e vigorosas. A profecia de Karl Rahner, parafraseando Maraux vai tomando pleno sentido: o século XXI será místico ou não será?⁷ O cristão ou será místico ou não será cristão. O religioso ou será místico ou sua vida será incolor e

irrelevante. Hoje, para fazer frente à corrente impetuosa de um mundo "mundanizado", é preciso uma lancha com um motor muito mais potente que quando se remava por águas tranquilas ou a favor da corrente. Não se pode ir ao campo de batalha com espadas e facões para lutar contra canhões e armas automáticas. Hoje requer-se uma vida espiritual sólida, de convicções profundas e de vivências "apaixonadas". Exige-se uma vida de oração que leve a um verdadeiro "enamoramento" de Cristo, capaz de captar não só o nível da emotividade, como também o da afetividade profunda da pessoa, ali onde se dão as opções fundamentais, as grandes instituições, os amores absolutos, as decisões definitivas, a entrega incondicional por amor.

Há também tradições que se arrastam desde muito com referência à vida comunitária, quando se colocava no centro a "observância regular": todos faziam as mesmas coisas, nas mesmas horas e da mesma maneira. E muitos/as ainda não adotaram o estilo posconciliar baseado nas relações pessoais de "amizade no Senhor" e na missão. Ou fizeram uma mistura entre o antigo e o novo que não satisfaz nem aos mais velhos nem aos jovens. A maior dificuldade para a mudança são os esquemas mentais de pessoas, sobretudo de meia idade, que não conseguem perceber a profundidade que supõe o novo modo de se relacionar com os irmãos/ãs da comunidade.

E no tocante ao apostolado, muitos caímos em um dos dois extremos: ou em uma falta de compromisso, especialmen-

⁷ Frei PRUDENTE NERY, OFM Cap. Cuadernos franciscanos, n. 12. Vozes 1998.

te com os pobres, ou em um ativismo transbordante que seca o espírito. E com frequência nos dois ao mesmo tempo.

Em algumas ocasiões, no curso de formadores que temos em Cochabamba – a que costumam assistir religiosos/as de uns 40 institutos, perguntei quantos destes institutos foram fundados para os pobres. São muitos. A segunda pergunta é: quantos destes se dedicam principalmente aos pobres. Têm que confessar que é mais ou menos só uma terça parte. Não é este um sinal de se haver perdido algo dos fervores do primeiro amor?

Mas talvez o maior pecado em que estamos implicados quase todos os agentes de pastoral na América Latina seja o famoso ativismo, isto é, a atividade apostólica descontrolada, cada dia mais absorvente, que não deixa tempo para ser religioso/a, nem para orar ou para viver a sério a vida comunitária. E assim muitos religiosos se convertem em simples “profissionais honrados” que se matam trabalhando, mas em quem vai-se apagando a motivação pela qual o fazem.

2. A mediocridade

Antes de tudo é preciso esclarecer o significado do termo. Não o tomamos em um sentido pejorativo, como quando dizemos de uma pessoa que é medíocre e queremos dizer que é inferior. Nós o entendemos mais na acepção do original latino *mediocris* que significa mediano, passável, que não chama a atenção, um modo de ser e de proceder sem pena ou glória. Em certos contextos, até pode qualificar-se de *aurea mediocritas*, uma dourada mediania.

Traduzindo para o linguajar cristão

e aplicando-a à vida consagrada, a mediocridade de um religioso/a consistiria em levar uma vida de fé séria, vida de oração, da qual já se extirpam os maus hábitos. E se ocorrerem algumas caídas lamentam-se sinceramente. Então, se isto é ser medíocre, perguntamos: onde está o problema? Está, sobretudo em duas coisas:

Na desintegração da vida por não saber coordenar e montar os diversos elementos essenciais que a constituem.

E em manter algum defeito notável – pessoal ou coletivo – que não se tenha superado e que tem como efeito o estancamento no caminho percorrido.

a) A desintegração

Pode-se dar primeiro subjetivamente na mesma pessoa, no uso de suas faculdades e capacidades. Há pessoas que se distinguem por seu equilíbrio e equanimidade. E outras que talvez tenham um talento brilhante, mas estão desordenadas em sua afetividade ou têm grande limitação em suas relações pessoais. A pessoa madura goza do equilíbrio e da harmonia entre a cabeça, o coração e as mãos. A cabeça é a capacidade intelectual, os critérios, o modo de pensar e de discorrer. Quando a pessoa tem um bom talento e uns critérios acertados, possui uma grande riqueza. Da mesma forma, é um grande dom a capacidade afetiva da pessoa que tem boas relações com as outras, que sabe ganhar a confiança, e, sobretudo, sabe amar cada um com sinceridade e profundidade. A afetividade é o fator que mais influi na obtenção da integração da pessoa. E as mãos são a ação; no religioso/a de vida ativa, as mãos são a atividade apostólica.

Quando cada um destes três elementos tem a devida proporção e quando estão bem integrados e harmonizados entre si, a pessoa goza de uma grande riqueza e maturidade humana. Mas é freqüente encontrar pessoas que desenvolveram muito seu talento, mas seu coração permaneceu raquítico e suas mãos curtas. Tornou-se cabeçudo, um verdadeiro monstro. Também podem-se desenvolver quase exclusivamente as relações afetivas e muito pouco a capacidade intelectual ou realização prática dos desejos e projetos. Então, temos um “cardíaco” muito simpático e afável, mas pouco profundo e eficiente. E, finalmente, há aqueles que têm “mãos compridas” até a parede em frente, mas com cabeça pequena e coração raquítico. Outro monstro.

A desintegração pode dar-se também objetivamente quando não se sabe combinar a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão, dando a cada coisa o tempo e as energias requeridas. Muitas vezes o desequilíbrio vem pelo excesso de atividade.

O ativismo

É muito freqüente, entre os religiosos/as, sacerdotes, agentes da pastoral muita atividade, absorvente e descontrolada, que vai aumentando dia a dia e que vai dando como resultado, talvez, excelentes profissionais, mas religiosos/as cada vez mais medíocres. É o famoso ativismo. “Muitos religiosos optaram por um ativismo exagerado como se fosse a essência de sua congregação. O “ser” da vida consagrada se reduziu à idealização da ação” (Kearns, L, CSsR.). A ação apostólica é comprometida e admirável, mas a

experiência de Deus e a vida comunitária meio simbólicas e insatisfatórias. Isto é a mediocridade, uma “anemia espiritual” na relação com Deus, e umas simples relações de “boa vizinhança” na vida comunitária.

Muitos no trabalho têm um verdadeiro pluriemprego. Há comunidades e províncias inteiras que no campo da educação ou nas obras sociais têm um trabalho admiravelmente organizado, no qual conseguem resultados acadêmicos, desportivos, inclusive pastorais, excelentes. E sem dúvida todas as famílias e todos os beneficiados estão muito agradecidos. Mas, olhando o religioso por dentro, se descobre, às vezes, um vazio afetivo ou uma solidão muito perigosa. Há províncias inteiras que mais se parecem com um “sindicato de empresários apostólicos” do que com um instituto de homens ou mulheres consagrados, verdadeiras testemunhas do Evangelho.

É curioso, muitos são os que, num retiro ou em uma reflexão serena, reconhecem que o ativismo os desgasta e empobrece sua vida espiritual e comunitária; mas poucos são os que encontram solução. Na história da vida religiosa poucas vezes se viu que as reformas profundas se tenham realizado no mesmo convento ou mosteiro onde se vivia o afrouxamento, ou a mediocridade ou a apatia espiritual, pela dificuldade que supõe mudar os costumes adquiridos. Geralmente os que desejaram voltar à radicalidade evangélica ou ao espírito da intuição inicial tiveram de iniciar, de novo, em outro lugar. Tampouco progrediram pelo aumento da atividade, e sim por levar a sério a contemplação. “Não

existe renovação que não parta da contemplação” (João Paulo II).⁸ São Bernardo (s. XIII), um pouco pessimista neste campo, dizia: “Verás mais facilmente numerosos leigos converterem-se ao bem que um só religioso converter-se ao melhor”.⁹

b) Um defeito pessoal ou coletivo

Outra causa da mediocridade é ter algum defeito notável – na ordem individual ou coletiva que nos impede de caminhar. Seria como o caso de uma jovem de talento brilhante que está no último ano secundário, que poderia ter um porvir invejável em seus estudos, mas que passa raspando nos exames porque gasta o tempo pensando nas festas do fim de semana: quem vai convidar e que vestido vai estrear. Traduzindo para a vida consagrada, seria o caso de um religioso/a que se estancou na vida espiritual porque não consegue superar um impedimento importante ou porque, inclusive, o cultiva como se fosse uma virtude. Pode ser o individualismo, a auto-suficiência, a ambição de poder, um defeito de caráter não enfrentado, querer ser o centro da atenção na comunidade. Ou o abrandamento de uma vida indolente ou instalada, ou a imaturidade afetiva, ou a susceptibilidade, ou a insensibilidade social, ou um ressentimento fomentado, etc. E na ordem coletiva pode ser uma comunidade que vive com todas as comodidades, ou que perde muito tempo na TV, com relações comunitárias superficiais, com um conhecimento somente teórico da realidade

dos pobres, com uma vida espiritual à base de rezas rotineiras. Estes ou outros defeitos estão já incorporados na vida e lhes foram dados carnês de cidadania. Depois de uns anos de vida religiosa já temos tudo justificado.

Estas pessoas não têm nada de novo para dizer ao mundo de hoje, que espera que os religiosos sejam verdadeiros profetas e testemunhas do Evangelho, que tragam algo diferente a um mundo descrente e triste. São mais funcionários da Igreja que testemunhas do Evangelho. Parecem mais uma lancha de motor débil que vai contra a correnteza. Talvez em algum lugar avance 400 m. Logo a corrente o arrasta 300 m para baixo, 200 para cima, 200 para baixo... e assim quase sempre está no mesmo lugar. Passa por sua comunidade depois de 5, de 10 anos... e não há um avanço perceptível em seu seguimento de Cristo. Isto é a mediocridade, uma vida sem sofrimento ou glória, um testemunho evangélico pálido e irrelevante.

Em um estado de mediocridade não há ânimo para enfrentar a própria realidade e mudá-la. Requer-se uma sacudida violenta que chegue até as próprias raízes e cimentos.

IV. O caminho da refundação

Nem tudo está perdido. Ao mesmo tempo em que se dá a desintegração e a mediocridade, dá-se também um notável impulso do espírito que se manifesta em uma infinita sede de Deus e do transcendente, uma alegria imensa ao descobrir e viver o verdadeiro amor fraterno na vida comunitária, uma sa-

⁸ ARNOLD Simón Pedro, *Refundación*, CLAR 70, p. 30.

⁹ A los participantes en la Asamblea XVIII de la Federación italiana de los Ejercicios, 19 febrero-96.

tisfação profunda ao dar a vida pelos demais no apostolado e especialmente ao responder às necessidades mais urgentes do mundo de hoje. São muitos os institutos, províncias, comunidades locais e pessoas consagradas que vivem em plenitude sua vocação e que lutam dia a dia para que sua entrega seja mais autêntica e generosa. Quisera em seguida dizer como se realiza isto nos três elementos essenciais que constituem os fundamentos de nossa vida religiosa. Eles são a expressão mais clara de uma vida edificada sobre a rocha que é Cristo.

1. A experiência de Deus

Nós a tomamos num sentido amplo da relação com Deus, na qual entram os votos, toda a vida espiritual, mas ressaltando especialmente a vida de oração.

É preciso contar com o fato de que a oração pessoal é uma das coisas mais importantes que temos que fazer a cada dia. A vida religiosa ativa herdou da vida monacal a reza das Horas canônicas, mas nem sempre deu a devida importância à contemplação que é o mais característico da vida contemplativa. Há aqueles que dizem sinceramente – lamentavelmente não se pode duvidar de sua sinceridade – que não têm tempo para dar uma hora seguida à oração pessoal cada dia. É lamentável que o digam sinceramente porque isto indica que sua escala de valores está distorcida. Se não têm tempo é porque consideram que o tempo todo tem que ser ocupado na ação apostólica, e a oração pessoal é somente um apêndice. Embora o mesmo tempo que lhe dedica não seja o mais importante; é a *qualidade da ora-*

ção, embora essa qualidade requeira tempo.

A oração hoje tem que ser *transformante*, tem que tocar a vida, tem que se confrontar com o Evangelho, tem que levar à conversão afetiva, tem que fazer crescer na fé e no amor. Dito em uma só palavra tem que captar a *afetividade profunda* da pessoa até levá-la à “conversão afetiva” ou segunda conversão, em um tríplice nível. Nós nos deteremos um pouco mais neste ponto, porque é decisivo.

- *Nível sensorial*: o dos sentidos. É a impressão que deixa tudo que se toca, se vê, se sente o gosto, se ouve. Aqui entra o sonho, a fome, a sede, a sinestesia, o prazer de uma boa comida e de um refresco em tempo de calor, a dor de uma pisada. É tudo o que se traduz em emotividade. Estamos no nível animal. Tudo o que afeta a pessoa neste nível sensorial produz uma reação necessária e num primeiro momento não entra a liberdade. Mas em um segundo momento pode-se assumir uma atitude livre de aceitação ou de repúdio.
- *Nível psíquico*. No nível pessoal, manifesta-se os estados de ânimo do sujeito: depressão, euforia, tristeza, alegria, paz, ira, serenidade, agressividade, etc. E no nível psico-social experimenta-se os sentimentos provenientes das relações com os demais; atrações e repugnâncias, simpatias, fobias, ciúmes, invejas, ódio, amor. Aqui também se dá um primeiro momento dominado pelos impulsos dos instintos e tendências, que produzem um sentimento agradável ou displicente necessário. Mas aqui

cabe mais a intervenção da liberdade. Posso deixar-me arrastar livremente pelo afeto prazeroso ou, ao contrário, posso assumir uma postura de luta contra ele. E, frente a um sentimento desagradável, posso assumir uma atitude de acolhida quando tenho uma motivação ou uns valores que o justifiquem, ou posso buscar substituí-lo por um afeto prazeroso.

- *Nível espiritual.* É o mais profundo e estável, é a força interior mais poderosa e está no nível racional-volitivo. Quando esta força se torna egocêntrica, manifesta-se na soberba, na vingança e em outras paixões que transbordam e desviam o comportamento. Mas quando tem orientação altruísta, dá à pessoa nobreza e dignidade. O afeto altruísta mais importante é o amor, e adquire diversas manifestações conforme sejam as pessoas com quem alguém se relaciona: amor paterno ou materno, amor filial, conjugal, de amizade.

Este amor espiritual é o mais abrangente e consistente, e se dá igualmente na saúde ou na doença, na prosperidade e na pobreza, porque a outra pessoa já entrou na minha vida como outro eu, como parte intrínseca do meu próprio ser. E aqui a liberdade tem uma importância decisiva. É um amor consistente diante de Deus que não depende das consolações ou das contrariedades da vida, um amor profundo capaz de enfrentar o embate das paixões e dos estados de ânimo do sujeito, um amor que atravessa as distintas etapas da vida e que cada vez mais vai se aprofundando e se purificando.

Influência do amor espiritual

Quando se chega a este cume, o amor vai se adentrando também no campo das relações consigo mesmo e com os demais, e vai realizando a integração de todos os outros amores no amor único, até chegar a “amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”. Então toda amizade se converte em “amizade no Senhor”. Inclusive no campo da sensibilidade se vai conseguindo uma transformação paulatina, vão-se transformando até os gostos e a escala de valores para aproximar-se dos gostos e valores de Cristo na medida em que vai crescendo a identificação afetiva com Ele. O término deste itinerário é chegar ao ideal de João da Cruz: “nem tenho já outro ofício que já somente o amar é meu exercício”. Ou tal como o expressa Santo Inácio: “Em tudo amar e servir”. Então a pessoa já não vive para si, mas somente para Deus e para os demais. Quando se consegue chegar a esta intimidade com o Senhor, pode-se falar de uma vida espiritual sólida e madura. E, em contraste com isto, podemos nos perguntar se é este o nível espiritual que se consegue com uma “oração de passarinho” que vai bicando em momentos supérfluos e sem tempo para estar longamente com o Senhor.

Oração na vida

Além da oração na solidão, está a oração na vida, o encontro com Deus em todas as coisas e pessoas, ou o “ser contemplativo também na ação”. Ela supõe uma continuidade afetiva, própria de quem vive em um “estado de amor”, semelhante ao da mamãe com relação a seu filhinho. Não é que este-

ja pensando todo o dia nele, mas tudo que se passa com seu filho repercute na mãe em forma de amor. Assim na pessoa na qual se deu a “conversão afetiva”, todos os acontecimentos se convertem em religiosos, porque o “religam” com Deus. Claro está que chegar a este estado de amor supõe pagar um preço, que não está em usar técnicas ocultas, ou práticas mágicas para consegui-lo. O passo indispensável é a “limpeza de coração”, quer dizer, ter uma só intenção, a de buscar exclusivamente o Reino de Deus e não interesses egoístas.

2. A vida Comunitária

O segundo elemento fundamental da refundação é a vida comunitária. É onde ocorreram as maiores mudanças depois do Concílio e, por conseguinte, onde se encontra ainda maior dificuldade. O que leva a pessoa a abandonar a vida religiosa, especialmente os mais jovens, muitas vezes é devido à solidão em que se encontram em uma vida religiosa que não satisfaz suas aspirações legítimas de amor fraterno.

A mudança foi muito profunda e nem todos os institutos religiosos têm sido capazes de assimilá-la. Passou-se de um estilo de comunidade uniforme baseado na “observância regular”, para outro baseado nas relações pessoais de “amizade no Senhor”, orientado em direção à missão e em proximidade com o povo. Passou-se de uma vida em comum para uma comunidade de vida.¹⁰

Este novo estilo tem como ponto cha-

ve a comunicação em profundidade e em clima de fé. Assim se entra no conhecimento das pessoas por dentro; daqui se passa à aceitação mútua; e daqui ao amor de uns aos outros.¹¹ Há comunidades em que se dá este ambiente de confiança e comunicação e realmente é uma delícia viver nelas. Mas também há outras em que continuam pondo como centro o cumprir horários e manter a disciplina. E falta o ambiente de confiança, e as relações são superficiais, e o amor mútuo muito quebradiço.

E não há volta atrás. É hora de entrarem todos no novo estilo de vida comunitária. E a porta de entrada é a comunicação pessoal.¹² Não se trata somente de contar coisas, mas de comunicar as vivências pessoais até chegar ao que constitui a trama mais profunda de nossa vida, a relação com Deus e com os demais. Isto exige revisar a estrutura da vida comunitária e colocar os meios necessários para entrar em um novo modo de relacionar-se fraternalmente.

3. A missão evangelizadora

A ação apostólica dos religiosos na América Latina é realmente admirável e, sobretudo, a das religiosas. De cada cinco religiosos, quatro são mulheres. Trabalhamos na América Latina uns 150.000 religiosos/as. Eles se encontram em todos os rincões do continente atendendo com grande abnegação e entrega a seus irmãos e, especialmente, aos mais necessitados.

Um setor muito grande da vida religiosa assumiu a postura iniciada em

¹⁰ Dict. De Spiritualité, col. 2259.

¹¹ REFUNDACIÓN, Misioneras M. Laura. P. 79.

¹² Palmés, C., Nueva Espiritualidad de la vida religiosa en America Latina, 3ª. ed. CLAR, N. 63, pp. 201-205.

Medellín e continuada em Puebla e Santo Domingo. Está muito atento à realidade do povo para responder a partir do Evangelho com criatividade e audácia. Isso melhorou muito a imagem do religioso/a perante o mundo, e é um testemunho de fidelidade criativa a sua vocação apostólica.

Entretanto, há alguns aspectos que exigem refundação. São como as enfermidades que se dão por excesso ou por defeito. O excesso seria o ativismo do qual falamos acima. E o defeito pode ser a falta de compromisso com os pobres e a falta de inculturação.

Compromisso com os pobres

Dá a impressão de que nos detivemos e alguns, inclusive, voltaram a vista para trás, ao ritmo da involução em que entrou uma parte da Igreja. Depois de Medellín houve um impulso de entusiasmo renovador que levou muitos religiosos e, sobretudo, religiosas às periferias das cidades e ao interior para conviver com os pobres. Logo se deteve; mais tarde houve outros esforços de inserção e, finalmente, ficou já bastante estabilizado.

Há congregações que estão muito comprometidas, pois todas as fundações que fizeram nos últimos decênios foram entre os pobres ou com vista aos pobres. Outras pensaram que já haviam cumprido com o percentual que lhes correspondia. E outras praticamente não fizeram senão gestos simbólicos. O fato é que, na América Latina, o percentual dos inseridos e dos que se ocupam com obras a favor dos pobres não é o que deveria ser. A imagem que a vida religiosa na Amé-

rica Latina apresenta em conjunto ainda não é a da opção preferencial pelos pobres. O maior percentual está dedicado à classe média e alta. Na fundação, a maior parte dos institutos, tanto masculinos quanto femininos, partiu de uma extrema pobreza que ajudou a viver com alegria as premissas de sua vocação. Claro que depois, ao estabilizar-se, não podiam continuar vivendo a mesma “aventura” da pobreza; mas, às vezes, dá a impressão de que temos procurado demasiadas seguranças. Ao falar agora de refundação, não seria bom perguntarmos se vivemos a pobreza-austeridade e a pobreza-solidariedade com os pobres, com o mesmo espírito e alegria que um primeiro momento deu tanta vitalidade ao instituto?

Inculturação da vida religiosa

É compreensível que o carisma de um instituto religioso venha envolto na cultura própria do país e da época da fundação. E não é fácil distinguir a linha divisória entre o carisma inicial e a cultura em que se expressa. O que, sim, está claro é que um carisma não pode ser trasladado de um continente a outro. É necessário traduzi-lo para o “linguajar” daqueles que têm que viver esta vocação na América Latina. A inculturação tem que partir de baixo, ação não é algo que deva ser criado nos laboratórios de uma Cúria de um Capítulo Geral.¹³ Requer-se muito tino e grande fidelidade ao Espírito para se manter a integridade do carisma e para encarná-lo de outra cultura.

¹³ Cfr. CIVCSVA, La comunidad fraterna. 1994. No. 29-32.

Na Exortação Apostólica *Vita Consecrata* se fala pela primeira vez, e com valentia, da inculturação da vida religiosa (VC 79, 80). Por sua parte, as culturas podem enriquecer o carisma. “Os valores descobertos nas diversas civilizações podem animar (as pessoas) a incrementar seu compromisso de contemplação e cultivar com maior diligência o interesse pela pessoa e o respeito pela natureza”.

E, por outro lado, o carisma do instituto pode trazer “o modo evangélico de viver a acolhida recíproca na diversidade e no exercício da autoridade, a participação comum nos bens materiais e espirituais, a internacionalidade, a colaboração intercongregacional e a escuta aos homens e mulheres de nosso tempo”.

Dessa inculturação depende em boa

parte a vitalidade e a pervivência de um instituto religioso.

Conclusão

Concluindo, refundar é refundamentar, é reafirmar os fundamentos de um instituto religioso, é realizar hoje não o mesmo que fez o fundador/a, mas o que ele faria hoje nessas novas circunstâncias, inspirado pelo Espírito. Isto supõe contemplar com olhos limpos a partir do Evangelho e da intuição primeira, e escutar a Palavra que Deus nos fala a partir da realidade atual, e ter muita audácia para dar respostas novas às situações novas, em fidelidade ao carisma fundacional.

Endereço do autor:

Doutor em teologia espiritual – Coordenador do Curso de Formadores de Cochabamba – Bolívia.

¹⁴ REFUNDACIÓN, Misioneras M. Laura. P. 78.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 Quais são as três colunas fundamentais da refundação, segundo o autor?
- 2 Descreva as causas ou impecilhos que dificultam a refundação em nossas comunidades.
- 3 Que caminhos para a refundação devem ser acentuados na sua vida e na da sua comunidade?

a Propósito dos Maus Exemplos

PE. JOSÉ DE ANCHIETA LIMA COSTA, S.J.

Ultimamente, com muita frequência, estamos sendo apanhados de surpresa ao tomarmos conhecimento, por meio dos amigos ou por meio da imprensa e da televisão, dos atos praticados por representantes de diversos setores da sociedade que não condizem com a sua posição social nem com o trabalho a que são chamados a desempenhar através dos cargos que foram por eles assumidos. Tem-se criado, portanto, um certo mal-estar entre as pessoas e, de modo particular, nas diversas instituições que são atingidas pelo mau comportamento de seus respectivos representantes, causando-lhes a "sensação" de perda de credibilidade diante da opinião pública e dos demais membros sociedade.

Deixando de lado todo o aspecto sensacionalista de toda notícia que pode estar vinculada a um fato que, por certo, desperta não só a curiosidade das pessoas, mas também exerce grande poder de atração de renda e de audiência por parte dos meios de comunicação de massa, poderemos ir mais a fundo da questão, procurando encontrar a raiz dos males que nos afligem em vista de se encontrar as possíveis soluções para o problema. Sabemos, também, que muitas destas notícias, veiculadas pela mídia, trazem consigo a possibilidade de serem manipuladas e direcionadas de tal maneira que ficam colocadas a serviço dos que procuram tirar vantagem de tudo, principalmente de fatos que apresentam grande al-

cance de influência sobre as pessoas para, a partir deles, fazer sua propaganda e a defesa de seus próprios interesses. Colocando-nos à parte destas maldosas e nefastas tendências e afastando-nos desta prática que não ajuda a resolver nenhum dos nossos problemas, vamos tentar fazer uma leitura, a mais serena possível, sobre os últimos acontecimentos que têm marcado a vida do nosso país e, de uma maneira particular, a vida da Igreja Católica no que diz respeito ao contra-testemunho de alguns de seus membros que vêm procedendo de maneira errada ou até mesmo doentia no exercício de seu ministério sacerdotal.

Antes de tudo, faz-se necessário afirmar um dado fundamental da nossa condição humana e cristã: sentimos por experiência própria e constatamos pelos fatos que nos rodeiam e nos atingem direta ou indiretamente, que todos somos solidários no pecado, ou seja, todos, sem exceção, partilhamos da condição pecadora que muitas vezes nos afasta da realização dos ideais os mais profundos e realizadores da vida humana. Ideais e valores que não são apenas queridos por Deus para a vida de todos os homens e de todas as mulheres mas também são almejados por cada um de nós porque os sentimos pulsando em nossos corações como valores que promovem uma vida com sentido. Somos filhos e filhas daquela contradição fundamental que Paulo soube captar de maneira tão pro-

funda a partir de sua própria condição existencial, muitas vezes surpreendida pela experiência de não entender a causa da dor de “não fazer o bem que quero, mas o mal que não quero” (Rm 7,19). Somente os que se sentem efetivamente incapazes de fazer o bem apenas apoiados pela própria força é que são capazes de seguir com humildade, abertura e compaixão os caminhos do seguimento de Jesus que levam à conversão e à transformação da própria vida a ser pautada pelo desafio de se fazer sempre o bem que se pode e que se deve fazer através de gestos, ações e atitudes que são tomadas a favor da vida. Estes são chamados a fazer o bem em resposta àquele dinamismo interno de amor e de bondade que foram semeados em nosso coração pelo sopro da vida divina que está em nós, tornando-nos capazes de nos abrir sempre mais ao amor de Deus e dos irmãos e irmãs. Somente os que fazem a experiência de ser pecador profundamente amado e perdoado por Deus são os que demonstram a capacidade de dar “bons exemplos” na vida, servindo para os outros de farol a indicar, com sua luz, os caminhos que podem ser percorridos em direção ao porto da terra firme. Ele mesmo, o farol, não é o caminho. Ele é apenas uma luz que aponta para o único caminho que dá firmeza e segurança ao barco, “dizendo-lhe”, através dos sinais, qual é a direção a ser mantida ou o rumo a ser tomado para continuar navegando sem perigo de naufragar.

Muitas vezes nos deparamos diante de situações em que, navegando pelos mares da vida, encontramos “faróis” apagados porque se deixaram corrom-

per e, assim, perderam a força da sua iluminação, ou “faróis” que não iluminam como deveriam iluminar porque a “luz” da qual são depositários está sendo projetada de maneira errada, desviando os navios dos caminhos seguros pelos quais deveriam navegar, colocando em risco a vida de todos os navegantes.

Quando o Papa João Paulo II tomou uma posição firme e corajosa a respeito dos padres envolvidos com a prática da pedofilia, ele estava assumindo a sua função de ser aquele “farol” que lança os sinais de luz para os navios não se perderem na travessia do mar e, assim, possam continuar navegando no rumo certo, ajudando e alertando aos navegantes – os cristãos-católicos – para que assumam o caminho do autêntico seguimento de Cristo. Ao mesmo tempo que indica o caminho, o Papa também aponta para uma situação de pecado que envolve toda a Igreja e atinge a sua missão. Não é de se estranhar a denúncia do pecado presente na Igreja. A Igreja, aliás, nunca se considerou alheia ao pecado de seus membros. E, como já dissemos mais acima, é um dado fundamental da nossa fé aceitarmos a condição pecadora de todo ser humano que vem a este mundo. De uma maneira muito sábia, os Santos Padres, falando da Igreja, a definiram como “casta et meretrix”, ou seja, como “santa e prostituta”. Isto porque, em sua condição de peregrina, a Igreja está profundamente marcada pela presença atuante do Espírito de Santidade que a santifica e a purifica, cumulando-a de dons que a tornam sinal eficaz da presença de Deus agindo no mundo. Mas a Igreja,

feita de homens e de mulheres, é “sempre reformanda”, pois, para continuar cumprindo sua missão, necessita de abrir-se continuamente aos apelos de conversão devido à dinâmica da realidade do pecado que também a envolve e a condiciona no seu agir no mundo e na sociedade. Por isso ela, muitas vezes, pode se tornar incoerente e infiel à realização da vontade divina sobre a humanidade.

Porém, nada mais animador e edificante do que assistir o representante máximo da Igreja Católica reconhecer-se publicamente pecador e pedir perdão pelos inúmeros pecados que a Igreja cometeu ao longo dos séculos! Gestos como estes nos despojam de toda a arrogância e prepotência quando se quer apresentar-se, inutilmente, diante de Deus e do mundo como melhores e mais santos que os outros, como pretendia o fariseu da parábola de Lucas 18,9-14. Por isso que a Igreja não tem nada a temer quando vem a público a realidade dos pecados pessoais de seus membros, mesmo que estes pecados sejam dos membros que ocupam um determinado cargo na missão evangelizadora da Igreja. Nós, cristãos-católicos, não temos motivos para baixar a cabeça e nos sentir envergonhados de pertencer à Igreja Católica pelo fato de nela também se manifestar o pecado e, por isso, estarmos expostos a praticar ações que levam aos maus exemplos. O pecado está aí e é um mal a ser combatido em todos, por todos e em todos os níveis. A presença do pecado em nós não nos desautoriza de continuar lutando pelo Reino de Deus e por sua justiça. Tampouco nos deixa numa situação de

inferioridade em relação a qualquer que seja. Somos todos iguais em valor e dignidade. Ninguém é maior, melhor ou menor que ninguém. A Igreja não precisa se sentir abalada nem questionada na sua autoridade que continua sendo a mesma de sempre, pois a ela lhe foi confiada uma missão que vem dada pela autoridade de Jesus Ressuscitado, em quem se apóia todo o seu testemunho. Ela não perde a autoridade de continuar pregando os valores que brotam do Evangelho de Cristo pelo fato de existir maus pastores em seu seio. Muito pelo contrário! Afirma-se mais ainda a sua missão de continuar lutando contra todo pecado, a começar pelos de dentro, procurando promover a justiça e a paz entre todos os povos. Aos que erram e dão maus exemplos, a Igreja, Mãe e Mestra, os chama, como Cristo, à conversão. Como Mãe, a Igreja procura acolher os pecadores oferecendo-lhes os meios necessários para que possam prosseguir diligentemente o caminho de conversão. Como Mestra, a Igreja continua ensinando que a justiça acompanha a misericórdia no caminho da construção da paz. Neste sentido, o pecador não só faz a experiência do perdão de Deus, o qual a Igreja é chamada a manifestar em gestos e sinais eficazes, mas também faz a experiência da prática da justiça que brota do próprio perdão recebido, procurando cumprir todas as exigências que visam a recuperação da dignidade pessoal e dos que foram prejudicados pela ação do seu pecado.

Desta forma, podemos testemunhar que a relação entre graça e pecado não é simétrica, com a mesma proporção,

isto é, uma e outra não tem a mesma força e o mesmo poder sobre a vida dos cristãos. Por isso, o mesmo Paulo, que experimenta a força do mal presente na sua vida, também é capaz de perceber a força ainda maior do bem e, portanto, da graça de Deus, pois “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20). E assim podemos ver realizada a promessa de Jesus ao dizer que “as portas do inferno – o poder do pecado – nunca prevalecerão sobre ela” (Mt 16,18). Somente quando aceitamos a nossa condição de fracos e débeis, aí então nos libertamos (a verdade sempre liberta – Jo 8,32) e assim, libertos, podemos manter uma relação justa com Deus, “pois é na fraqueza que a força de Deus manifesta todo o seu poder” (2Cor 12). E, em última análise, se para mais nada podemos apelar, e ainda que a nossa consciência nos acuse, Deus, que conhece todas as coisas em sua profundidade, é maior que a nossa consciência (1Jo 3,20).

Assim sendo, podemos dizer que o reconhecimento do nosso pecado não

invalida a mensagem da qual somos portadores e a carregamos como que em “vasos de barro”. Somos frágeis, sim! Mas a Mensagem, não! O pecado está em nós, sim! Mas não Naquele que nós anunciamos! E a Mensagem permanece e continuará sempre válida, mesmo que pronunciada pela boca dos que dão mau exemplo, seja ele uma pessoa pública ou um indivíduo comum, em particular. E é por pecadores que a Mensagem continuará sendo proclamada, chamando-os, sobretudo e em primeiro lugar, à mudança de comportamento e de vida para que seu testemunho seja verdadeiro. “Não vim chamar os justos, mas os pecadores”, disse Jesus. Portanto, “Coragem! Eu venci o mundo!”. “Estou contigo todos os dias” é o que ele continua a nos dizer durante este nosso peregrinar.

Pe. José de Anchieta, SJ, Teólogo. Professor de teologia no Seminário Pio X.

Endereço do autor:

Av. Gov. José Malcher, 1169

66060-230 – Belém – PA

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 Como os fatos a que se refere o texto têm repercutido na sua comunidade?
- 2 Que lições podemos aprender dos fatos?
- 3 Você crê que estes fatos podem abalar a credibilidade da Igreja e da Vida Religiosa na sociedade? Porque?

A Importância da Psicologia na Formação

IR. ARIETE D'AGOSTINI, MSCS

O presente artigo, tenta formular um método de acompanhamento e formação, utilizando-se da teoria rogeriana, para auxiliar no processo de discernimento vocacional dos(as) jovens. Devo afirmar que o mesmo me ajudou muito no auto-conhecimento, na auto-aceitação e no processo de mudança e crescimento pessoal, que acredito que termina somente com a morte.

Assim, estabelece-se uma relação muito próxima com a postura e "maneira de ser" do(a) terapeuta e do(a) cliente na teoria rogeriana, com a do(a) formador(a) e o(a) formando(a), pois percebe-se que é uma teoria que pode ser considerada e aplicada no processo formativo, onde o centro é a pessoa, em constante mudança, desenvolvimento e crescimento

Papel fundamental tem a atitude do(a) que acompanha, ou melhor, do(a) formador(a), pois deve proporcionar uma atmosfera favorável, estabelecendo relações de acolhida, de compreensão e de tolerância, para que o(a) formando(a) possa se sentir compreendido(a), aceito(a) e desafiado(a) para se assumir enquanto pessoa, aberta para realizar um processo de crescimento pessoal e vocacional, atualizando suas potencialidades próprias, descobrindo-se e tornando-se pessoa autônoma, para sentir-se aceita, compreendida e auto-realizada.

Quando o(a) formando(a) faz esta experiência, ele(a) muda e se lança para a auto-descoberta e o crescimento. Se a pessoa está integrada e realizada, irá transparecer na relação com o outro.

Desejo, através do mesmo, ser participe desta mudança e crescimento, apresentando uma proposta de acompanhamento formativo e terapêutico.

1. breve colocação sobre a abordagem centrada na pessoa

A Abordagem Centrada na Pessoa¹ (ACP), é uma típica representante da Psicologia Humanista. A visão otimista da natureza humana, pelo psicólogo norte-americano Carl Ranson Rogers, entendida como biologicamente orientada para o crescimento e a auto-atualização; suas proposições sobre a qualidade orgâsmica² e holista³ da personalidade humana; e suas concepções teóricas relativas ao conceito de self, colocam-no na posição de um dos principais construtores do modelo de pessoa humana defendido pela Psicologia Humanista.

Carl Ranson Rogers é considerado, ao lado de Abraham Maslow e Rollo May, um dos principais líderes intelectuais do movimento humanista, e a ACP tem sido com frequência apontada como o mais acabado exemplo do que é a abordagem humanista em Psicologia. A característica mais marcante do

¹ No decorrer do artigo utilizo a sigla ACP para designar a Abordagem Centrada na Pessoa.

² Por orgâsmica em referência ao organismo biológico, entendido pelo autor como organismo com tendência atualizante.

³ Holista utilizada aqui na perspectiva das teorias que compreendem o ser humano como uma totalidade, indissociável de corpo, mente e espírito.

pensamento rogeriano, o centrar-se na pessoa que dá nome à sua abordagem.

Carl Rogers, em 1987, definiu a Abordagem Centrada na Pessoa, como uma “maneira de ser”.

*A abordagem centrada na pessoa é, então, primordialmente, uma maneira de ser que encontra sua expressão em atitudes e comportamentos que criam um clima promotor de crescimento.*⁴ O “jeito ou maneira de ser” consiste em certas atitudes que, por sua vez, emanam da adoção de certos valores, de certa visão da pessoa, isto é, da visão de si e dos outros.

Ele observa que o poder de mudança está na própria pessoa e o terapeuta é somente o facilitador. Tenta perceber a pessoa da forma como ela mesma se percebe, tentando senti-la como ela se sente, tentando entrar na sua pele e ver com os seus olhos, está adotando o seu referencial, isto é, está centrado nela, na pessoa. Ajuda a pessoa a descobrir que ela tem autonomia e deve caminhar por si mesma e curar-se de suas dificuldades.

O profissional de orientação rogeriana entende as condições de seu trabalho em termos de **atitudes** de consideração positiva incondicional e a sua autenticidade, e não utiliza técnicas. O terapeuta deve, além de testemunhar tal atitude, também experimentá-la. Para ser terapeuticamente fecunda, esta atitude deve se ancorar no sistema de tendências e necessidades do profissional como pessoa. No processo terapêutico centrado na pessoa, não há diagnóstico prévio realizado pelo terapeuta ou auxiliares, pois seria ferir o princípio cen-

tral do enfoque: centrar-se no cliente.

Rogers percebeu que quanto mais ele confiava na capacidade do seu cliente para superar autonomamente suas dificuldades, mais o cliente correspondia a essa confiança, liberando as forças internas de crescimento que até então tinham permanecido bloqueadas ou não percebidas. A descoberta da existência de poderosas forças internas de crescimento e a firme confiança do terapeuta nestas forças, representam, hoje, o aspecto mais revolucionário da terapia centrada no cliente.

Para que o terapeuta consiga desenvolver o seu próprio “jeito de ser” como terapeuta, ele precisa primeiramente aprender a não esvaziar o processo terapêutico e ser capaz de compreender tanto o movimento do cliente quanto o seu próprio movimento na relação terapêutica.

O terapeuta tem o objetivo de ajudar o cliente a diminuir ou erradicar problemas ou questões particulares. Ele deve possibilitar ao cliente fazer a experiência de saber superar as dificuldades por ele mesmo. Rogers, em 1942, afirmou:

*O foco é o indivíduo e não o problema. O objetivo não é resolver um problema específico, mas assistir o crescimento do indivíduo de forma que ele possa lidar com o problema atual e com os problemas vindouros de uma maneira mais integrada.*⁵

2. processo formativo segundo a teoria rogeriana

Sirvo-me da teoria rogeriana para dissertar sobre um método de acompanhamento no processo formativo.

⁴ Rogers, in Tambara e Freire, 1987, p. 101.

⁵ Rogers, in Tambara e Freire, 1999, p.116.

Para tanto vou destacar três elementos que devem ser considerados: a atmosfera, o(a) formador(a) e a relação.

2.1 a atmosfera

Utilizo palavras tais como “atmosfera”, “clima”, “calor” etc., para designar uma combinação de elementos, que caracterizam a qualidade humana da situação terapêutica. A atmosfera será terapêutica se for impregnada de segurança e calor. O(A) formador(a) deve ser uma pessoa livre de preconceitos raciais, de sentimentos de insegurança ou de inferioridade, do desejo de agradar ou dominar, de julgamentos para não dificultar o processo de mudança. Deve ser uma pessoa integrada.⁶

Se a prática terapêutica não puder ajudar, em primeira instância, o(a) próprio(a) formador(a), então não será capaz de ajudar os(as) seus(suas) formandos(as). As limitações, quando não for possível ajudar o(a) formando(a), não está na abordagem utilizada, mas nas limitações em vivenciar esta abordagem plenamente. Se faz necessário trabalhar as dificuldades pessoais, para ser capaz de ajudar ao(a) formando(a).

*A vivência das atitudes facilitadoras exige de nós uma confiança inabalável nas forças de crescimento do cliente e na sua capacidade de crescer em autonomia.*⁷ O que deve ser evitado pelo(a) formador(a) são atitudes tuteladoras, como forma de paternalismo, pois é um obstáculo ao crescimento e ao amadurecimento da pessoa, pois

a mesma deve fazer a experiência de que ela é capaz, deve confiar em si mesma e descobrir que as respostas que busca estão dentro dela mesma. O(A) formador(a) é o facilitador(a), o que vai estar ao seu lado para auxiliar na descoberta destas possibilidades e transmite segurança e confiança de que ele(a) tem a tendência à atualização ou auto-realização.

O anseio básico de todo indivíduo é sempre o de buscar o crescimento, o desenvolvimento de suas potencialidades e a integração com os outros seres humanos. A motivação básica de todas as ações humanas é sempre de buscar mais vida. No acompanhamento ou na relação terapêutica, a pessoa consegue expressar o que ela quer, o que na verdade, é mais vida, é uma vida com afeto, com compreensão, com trocas significativas com outros seres humanos, uma vida em que pode crescer e desenvolver seus potenciais. O mundo interior de cada pessoa é único, como é única a sua fisionomia e deve ser considerada na sua individualidade. O centro deste mundo é a própria pessoa, com a vivência de suas experiências. O(A) formando(a) possui dentro de si todos os recursos e toda a orientação de que necessita, e o papel do(a) formador(a) é apenas facilitar a liberação deste poder, desta força de crescimento que teve a sua expressão distorcida ou enfraquecida.

A tendência atualizante está presente em todas as ações do indivíduo, pois ela representa o fluxo natural da vida.

⁶ Por pessoa integrada entendo a pessoa humana que, colocando-se sempre em processo, desenvolveu suas capacidade de dar e receber afeto; e nas inúmeras situações cotidianas consegue se adaptar, complementar-se, buscando a totalidade de sua condição humana.

⁷ Tambara e Freire, 1999, p.14.

Ela é o movimento, o processo direcional que caracteriza a própria natureza. O próprio organismo tem condições de criar e produzir meios para superar as dificuldades e fortalecer o que existe de bom. Ele(a) é, por definição, um ser único, portador de identidade e de responsabilidade.

A observação leva Carl Rogers à convicção de que todo o ser vivo tende a crescer, em direção a tornar-se indivíduo adulto realizado, caso as condições lhe forem suficientemente favoráveis, e esta deve ser a convicção do(a) formador(a) que acompanha o(a) formando(a) em processo de crescimento. No decorrer do nosso próprio desenvolvimento não deixamos de sentir em nós a necessidade de crescer, mesmo tendo medo, nosso desejo mais profundo e interior é de crescer. O verdadeiro interesse do ser humano consiste no pleno desabrochar das potencialidades e em desenvolver-se como pessoa.

O caráter aceitador do clima empático possibilita à pessoa assumir uma atitude de estima e interesse por si mesma. Sentindo-se compreendida, ela se torna capaz de ouvir a si mesma de modo mais correto, com maior empatia em relação às suas experiências orgânicas e aos seus significados que percebe apenas vagamente.

O(A) formador(a) não sendo "ativo(a)", no sentido de que ele(a) não toma a iniciativa, não interroga, não julga, quase não provoca reações no sentido de atividades desencadeadas de fora. Ele(a) procura comunicar à pessoa que solicita seu acompanhamento, que ela possui recursos, que é capaz de

reconhecer a origem de suas dificuldades e que ela mesma é capaz de resolvê-las, por seus próprios meios. Ele(a) assegura sua fé em que a pessoa se serviu efetivamente de seus recursos. Trata-se de comunicação, não de informação. Expressa tudo isto por sua maneira de agir, não por palavras e frases. Para ser terapêutica, a tarefa da pessoa deve representar uma atividade livre. Se o(a) formador(a) proporciona, verdadeiramente, a ocasião à pessoa, esta desempenhará esta tarefa de maneira contínua, quer ela o queira ou não, e mesmo quando se mantém em silêncio. Pois o silêncio não significa, necessariamente ausência de comportamento, podendo ser uma imersão direta e autêntica.

O(A) formador(a) deve estimular a atividade de autodeterminação. O que importa, principalmente no começo, é pôr em prática as energias para tornar-se uma pessoa autônoma. Pode ser levada a falar por vontade própria, de temas que ela mesma escolhe, e desenvolvê-los à medida que o deseja e então encontrará nisso uma satisfação que é particularmente útil para seu restabelecimento.

A satisfação sadia, terapêutica, é aquela que decorre de toda a atividade que admite uma medida adequada de escolha, decisão, e de compromisso pessoal.⁸

O alto valor terapêutico da satisfação obtida reside no fato de que ela é inerente à atividade, pois confirma de que ela é capaz e quando quer algo, luta para alcançar. Trata-se de um comportamento menos mecânico e mais perceptivo.

O(A) formador(a) deve facilitar a emergência dos recursos que a pessoa

⁸ Rogers e Kinget, 1975, p. 90.

possui. A angústia da pessoa pode vir de muito tempo e pode exercer sobre ela uma tal impressão que a torne incapaz de reconhecer uma atmosfera de segurança, mesmo quando está imersa nela.

No decorrer do acompanhamento, as defesas constituem uma barreira entre o indivíduo e sua experiência enquanto que o espírito aberto e o crescimento que dele resulta podem definir-se, precisamente, como uma apreensão mais plena e mais eficaz da experiência. O(A) formador(a) deve esforçar-se por liberar a pessoa de suas defesas e de sua angústia, pois esta não vai lhe permitir ser ela mesma e não deslança para a mudança.

Os autores contemporâneos, são praticamente unânimes na insistência sobre a necessidade de relações com caráter caloroso e recíproco, relações autenticamente pessoais, que aproximam cada vez mais. O(A) formador(a) deve adotar uma atitude afetiva com relação ao(a) seu(sua) formando(a). Uma atitude de bondade, de responsabilidade e de atenção desinteressada. Esta qualidade está implícita no seu comportamento. Para ter efeitos positivos, a atitude afetiva, o “calor” do(a) formador(a) deve manter um certo equilíbrio, para chegar a ativar na pessoa as forças de crescimento e de atualização de si.⁹ O papel do “calor” é de reforçar o sentimento de segurança que

decorre da atitude de não-julgamento, condição essencial desta terapia.

Assim se expressa Rogers, após confirmar, nos resultados adquiridos nas pesquisas:

*O que experimenta o indivíduo em terapia é, ao que parece, a experiência de ser amado. Amado não de forma possessiva, mas de uma forma que lhe permita ser uma pessoa distinta, com idéias e sentimentos próprios e uma maneira de ser que lhe é exclusivamente pessoal.*¹⁰

A abordagem deste inovador se baseia, pois, não somente sobre o direito do indivíduo à autodeterminação, mas, também, sobre sua necessidade vital de ser amado enquanto ser único, livre e criador.

A prática da psicoterapia como a de toda profissão que faz intervir um fator humano importante, requer dois gêneros de competência: uma formação especial e certos atributos pessoais. Quanto mais a experiência cresce neste campo, mais a importância da personalidade do(a) formador(a) parece impor-se sobre a formação profissional.

2.2. o(a) formador(a)

Se a prática rogeriana não pressupõe nem personalidade especial, nem talentos superiores, ela requer certos atributos: a capacidade empática, a autenticidade ou congruência, e uma consi-

⁹ Se o calor é demasiado intenso, compromete tanto o processo, como o resultado terapêutico, pois pode induzir a pessoa a um equívoco quanto à natureza dos sentimentos em jogo. Se o formador cria uma atmosfera afetiva demasiado envolvente, alimentará no seu formando a ilusão de que é amado de forma pouco realista pela qual este quer ser amado. Se sua maturidade emocional equivale à sua competência profissional, terá geralmente, uma compreensão adequada da dinâmica de seu comportamento. Um clima afetivo demasiadamente intenso é de natureza a incitar a pessoa a se modelar muito estreitamente ao(a) formador(a). Conscientemente e, sobretudo inconscientemente, o(a) formando(a) tende a se modelar de acordo com a pessoa que preenche tão maravilhosamente suas necessidades afetivas. Assim, sob a aparência de progresso, corre o risco de se afastar uma vez mais de seu próprio processo de desenvolvimento.

¹⁰ Rogers e Kinget, 1975, p. 100.

deração positiva incondicional, e algumas qualidades se fazem necessárias: um grau elevado de maturidade emocional e de compreensão de si.

Empatia é a capacidade de colocar-se verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê. Empatia se refere a apreensão dos aspectos tanto cognitivos, quanto emocionais da experiência do outro. A capacidade empática é útil a todo(a) formador(a). Um indivíduo não é capaz de empatia se não for interiormente organizado. Para fazer crescer seu poder de empatia, ele(a) tem que, numa certa medida, reorganizar o sistema de suas necessidades, interesses e valores.

O(A) formador(a) participa, de uma maneira tão íntima quanto possível, da experiência do(a) formando(a), permanecendo, porém, emocionalmente independente. Esforça-se por apreender esta experiência a partir do ângulo da pessoa que a experimenta. A empatia se enraíza na personalidade daquele que a pratica.

A atitude de congruência ou autenticidade requer transparência, coerência entre pensar, sentir e agir, sintonia entre o processo interno e a palavra, entre o que vai ser dito e o que é sentido. O(A) formador(a) deve ser, primeiramente, transparente para si mesmo. A congruência facilita a colocação e a prática pelo(a) formador(a) de uma exigência de nível prático: a constância do comportamento. Se o(a) formador(a) não se comporta de maneira autêntica, será difícil para ele(a), senão impossível, manter esse comportamento através das vicissitudes de um processo, às vezes, longo.

A consideração positiva é incondicional quando não existem condições para que ocorra a aceitação. É um tipo de atitude em relação a outra pessoa na qual tudo o que esta pessoa exprime sobre si mesma é igualmente aceito com calor, estima e respeito. Tudo o que o(a) formando(a) exprime sobre si mesmo, sejam sentimentos negativos, dolorosos, confusos, defensivos ou irracionais, sejam sentimentos positivos, maduros e socializados, tudo é recebido com a mesma aceitação calorosa pelo(a) formador(a). Quando o(a) formando(a) se sente aceito(a) incondicionalmente e compreendido(a) empaticamente por uma pessoa congruente, então a mudança ocorre.

*Ele percebe que pode expressar todos os seus sentimentos e que não necessita das suas defesas psicológicas habituais, pois não encontra nem censuras nem elogios por parte do terapeuta.*¹¹

Os aspectos da maturidade emocional que parecem importantes para o exercício do papel do(a) formador(a) são os seguintes: a capacidade de participar do empreendimento de transformar uma outra pessoa, sem se ter a tentação de moldar esta transformação segundo sua própria imagem; é a capacidade e a vontade autêntica de servir, não de guia, juiz ou modelo, mas, simplesmente, de caixa de ressonância e de amplificador dos esforços do(a) formando(a) para se reorientar.

Sem um grau elevado de segurança interior, o profissional não é capaz de afrontar tal variedade de situações carregadas de emoção, ao mesmo tempo que mantém sua eficácia terapêutica e

¹¹ Tambara e Freire, 1999, p.41.

seu bem-estar pessoal. Para que o(a) formador(a) possa ser considerado(a) como emocionalmente maduro(a), é necessário que a satisfação que experimenta ao se sentir importante na relação com o(a) formando(a) seja subordinada ao desejo de perder esta mesma importância, à medida que o(a) formando(a) descobre a satisfação de ser e de se sentir autônomo. O(A) formador(a) oferece a sua confiança incondicional na capacidade do(a) formando(a) de crescer em autonomia.

Para o(a) formador(a) se faz necessário ter uma atitude de compreensão de si mesmo(a). Para que o(a) formador(a) possa efetivamente ajudar seu(sua) formando(a) a emergir neste processo, superando seus medos e inseguranças, é necessário que ele(a) tenha total confiança no processo. Mas esta confiança só é possível se o(a) formador(a) já tiver vivido em si mesmo(a) esse processo de mudança, transformação e crescimento. Para o que adquiriu um melhor conhecimento de si, por via terapêutica ou outra qualquer, é interessante olhar para trás e constatar o quanto era estreita a compreensão que tinha anteriormente de si mesmo(a), apesar da impressão que tinha de se conhecer. Se não tem consciência das atitudes e necessidades dominantes que determinam suas inclinações e aversões, seus preconceitos, temores e desejos, é incapaz de fazer uma representação realista das coisas que lhe conta o(a) formando(a). Este mergulho na experiência da mudança também oferece ao(a) formador(a) a possibilidade de adquirir outras condições absolutamente necessárias para ser um(a) facilitador(a)

na relação terapêutica: auto-conhecimento, auto-aceitação e honestidade consigo mesmo(a). O(A) formador(a) precisa ter essas atitudes em relação a si mesmo(a) para ser capaz de vivê-las em relação ao(a) outro(a), o(a) formando(a).

O(A) formador(a) deve ter o conhecimento do eu total como ele age, a cada momento, na situação imediata. Como nas palavras de Rogers: *é uma abertura constante à experiência.*

2.3. a relação

A relação terapêutica centrada no(a) formando(a) caracteriza-se pela total liberdade oferecida ao mesmo(a) para explorar o mundo de sua experiência no ritmo e na direção que escolher e na total aceitação do(a) formador(a) em relação a tudo o que é expresso pelo(a) formando(a).

A relação é muito importante e merece ser bem definida. Os atributos essenciais de uma relação terapêutica são: a compreensão, a tolerância, o respeito e a aceitação. As atitudes facilitadoras de compreensão empática, consideração positiva incondicional e congruência se expressam e se tornam presentes na relação através da comunicação entre formador(a) e formando(a). Esta comunicação envolve: o olhar, a expressão facial, a postura corporal, os gestos, o silêncio, o calor, a acolhida, a receptividade, a segurança e a confiança do(a) formador(a) que são vivenciados e comunicados na relação de ambos.

A condição primordial do diálogo terapêutico, como a de qualquer outro diálogo, é, sem dúvida, que as partes nele empenhadas se compreendam.

Uma atitude essencialmente afetiva, simpática e acolhedora.

A compreensão empática, longe de interpretar os dados fornecidos pelo(a) formando(a), esforça-se por apreendê-los tais como o(a) formando(a) os apreende ou os apresenta. Também permite ao(à) formando(a) apreender-se a si mesmo(a) tal como é ou deseja ser. Dá ao(à) formando(a) a ocasião de realizar uma aprendizagem de que deverá dar conta durante toda a sua vida: a verificação de suas percepções e, se preciso, sua correção. A relação terapêutica centrada no(a) formando(a) caracteriza-se pela total liberdade oferecida ao(à) formando(a) para explorar o mundo de sua experiência no ritmo e na direção que escolher e na total aceitação do(a) formador(a) em relação a tudo o que é expresso pelo(a) formando(a).

Ter uma atitude de compreensão empática exige esforço, por parte do(a) formador(a), mas lhe causa muita satisfação:

Felizmente, a satisfação que acompanha o desenvolvimento deste modo de escutar e de responder compensa amplamente os esforços despendidos. Porque o profissional desta forma de compreensão descobre rapidamente que a aquisição desta capacidade alterocêntrica de interação, representa um enriquecimento pessoal, cujos esforços favoráveis se comportam, por outro lado, no plano de sua vida diária.¹²

O grau de mudança **no modo de percepção** é um indício mais significativo do processo terapêutico, que o crescimento de tomada de consciência. A

nova imagem do *eu* que emerge da terapia não é um produto acabado. É uma imagem provisória que continua a se modificar ganhando precisão, ampliando-se, transformando-se em algumas partes, também depois do término da terapia. A pessoa em funcionamento pleno estaria completamente engajada no processo de ser e tornar-se ela mesma.

A tolerância é incondicional, no sentido de que se estende a tudo o que o(a) formando(a) julga ser necessário relatar. As manifestações fisionômicas, de postura, de gestos, são suficientes para mostrar ao(à) formando(a), ou que suas estratégias são transparentes, ou que ele não está tomando a direção desejada. A arte da ajuda do(a) formador(a) deve consistir, em colocar o(a) formando(a) em condição de melhor usar sua capacidade de autonomia.

O respeito se fundamenta, sobre o fato de que o(a) formando(a) é um ser único. Se o(a) formador(a) toma consciência, do fato de que seu(sua) formando(a) é portador de uma experiência única que se desenvolveu ao longo de sua vida, ele(a) tenderá a tomar consciência, de que esta experiência torna o(a) formando(a) mais competente que qualquer outra pessoa para determinar uma linha de conduta compatível com suas necessidades, seus desejos, valores e capacidades.

Outra atitude necessária, por parte do(a) formador(a) é a aceitação. Aceita o(a) formando(a) na sua totalidade, tal qual existe. É determinada pelo ato de relatar, pelo desejo de mudar, de superar o *status quo*. O que é aceito é

¹² Rogers e Kinget, 1975, p.128.

a totalidade do dado existencial.

Na pessoa em processo de crescimento visualiza-se os seguintes traços: crescente abertura à experiência; vida gradativamente mais existencial; organismo digno de confiança, graças à abertura à experiência; vontade de ser processo; a pessoa é seu centro de avaliação. A pessoa está em constante processo de mudança, de crescimento, de auto-realização e em busca de vida plena. Esta é a tarefa do(a) formador(a), ser o(a) facilitador(a), para que este processo aconteça, em cada formando(a) que passar por sua vida.

Os autores Tambara e Freire, afirmam que o crescimento não termina:

a pessoa em processo de auto-realização não estaciona: encontra-se

- *a caminho de sempre mais plena auto-direção;*
- *a caminho de ser um processo mais rico e dinâmico;*
- *a caminho da complexidade;*
- *a caminho de maior abertura à experiência;*
- *de maior aceitação dos outros;*
- *de relacionamento mais profundo com os demais;*
- *de crescente confiança em si mesma;*
- *de progresso em congruência, em autenticidade.*¹³

Ser formador(a) centrado(a) no(a) formando(a) exige, portanto, do(a) formador(a), a sua pessoa total: é ser, na essência, uma pessoa.

*Este é o mistério do desvelar-se como ser humano e ajudar as pessoas, ao invés de buscar o controle sobre elas.*¹⁴

O processo de crescimento nada mais é do que dar nascimento a si mesmo(a). Acontece quando a pessoa está empenhada em ser ela mesma, quer individualmente, quer em grupo. Enquanto vive, a pessoa pode ser diferente do que foi até aquele momento. A pessoa já é por si um ser aberto a novas possibilidades, à experiência. Ser pessoa é ser processo.

3. considerações finais

A ACP tem como centro a pessoa. Serve como referencial para as pessoas que acreditam no potencial do ser humano para um crescimento biológico, psicológico, social e espiritual. Constata e reafirma a importância da confiança no organismo e de um contato humano autêntico, que rompe com o distanciamento característico nas relações interpessoais de nossa sociedade. Tem como essência atitudes e não técnicas, sendo que aí está sua força de transformação. A pessoa deve ter posse de sua vida e o conhecimento de si mesma para viver melhor e como pessoa auto-realizada, dando sentido à vida, a cada momento, para que não passe em vão.

A pessoa é considerada, aceita, compreendida, assim como ela se encontra no momento. Através do acompanhamento realizado pelo(a) facilitador(a), ou seja, o(a) formador(a), a pessoa é levada a compreender-se, conhecer-se e tomar consciência das mudanças que deve fazer e lançar-se no processo de crescimento, em busca de vida plena.

Esta abordagem leva a pessoa a ter uma nova imagem de pessoa, nova

¹³ Tambara e Freire, 1999, p. 29.

¹⁴ Idem, p.182.

auto-imagem e é submetida a pôr-se rumo à plenificação, passando a dar um novo sentido à sua vida, ao seu viver e às suas relações com os outros. A vida da pessoa deve ser norteadada pela alternativa de querer continuar crescendo. Quando se alimenta o viver com o desejo de ser mais, de continuar crescendo, de estar aberto(a) à realidade, acolher o novo e o diferente, o viver se torna mais harmonioso e agradável.

O processo de auto-conhecimento e auto-aceitação do(a) formando(a) deve ser acompanhado pelo(a) formador(a), como facilitador(a). Aconselhando-se, para um resultado mais profícuo, que também tenha realizado este processo terapêutico, então terá mais condições de compreender e acompanhar as pessoas que o(a) procura para este acompanhamento. A consideração positiva incondicional, a aceitação empática, a congruência e ter confiança nas possibilidades, nos recursos do(a) formando(a), devem ser as atitudes presentes na postura e modo de ser do(a) formador(a). Na medida em que a pessoa vai fazendo o seu caminho no processo de auto-conhecimento e aceitação de sua realidade, torna-se sujeito de seu crescimento. Enquanto protagonista de seu crescimento, maior o compromisso na busca de meios adequados e facilitadores de seu processo de desenvolvimento como pessoa integrada.

A terapia centrada na pessoa reforça a certeza de que **todo** o indivíduo é capaz de crescer e atualizar os seus potenciais quando se sente aceito e compreendido. Basta a estas pessoas, que buscam ajuda, se sentirem compreendidas e aceitas na sua dor para acontecer a mudança e a libertação.

Na medida em que a pessoa vai adquirindo maturidade, vai se dando conta do novo que é apresentado pelo mundo em transformação e sente necessidade de se atualizar e aprimorar-se, para poder estar a par do desenvolvimento. Com o ser humano, acredito eu, já nasce o desejo de ser mais, querer mais, saber mais,... e o mesmo deve deixar-se conduzir por este anseio, então poderá querer e apostar no novo. Ser perceptível, captar e aprender com as experiências que faz ao longo da vida, também ajuda a sentir-se, conhecer-se e estar em constante processo de crescimento.

No momento em que este método for considerado no acompanhamento às jovens candidatas à vida religiosa, certamente teremos pessoas mais decididas, autônomas e responsáveis, capazes de uma opção livre, que as leva à auto-realização. Também o ambiente de vida comunitária será mais harmonioso, de aceitação e compreensão do(a) outro(a), onde se desenvolvem e crescem como pessoas auto-realizadas, utilizando todo o seu potencial.

Estou convencida de que a vida é linda! É preciso despertar nossa sensibilidade, desenvolvendo hábitos positivos, otimistas, transparentes. Se olharmos a vida com menos dureza, menos exigências, ela poderá não ser tão perfeita, mas será mais livre, mais agradável, mais prazerosa. Vale a pena apostar naquilo que se acredita, pois os resultados são significativos e a pessoa desabrocha para viver a vida com mais intensidade, satisfação, realização e alegria.

Ir. Ariete D'Agostini, Missionária de São Carlos Borromeo - (Scalabriniana), Formadora Graduada em Pedagogia. Curso de Especialização: Abordagem Centrada na Pessoa